

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA – CPDOC

ANA LÚCIA DE CARVALHO RANGEL

PROFISSÃO: REPÓRTER ESPORTIVO – DAS NARRATIVAS DA NAÇÃO AO
OFÍCIO DO JORNALISTA CONTEMPORÂNEO

RIO DE JANEIRO

MAIO 2014

ANA LÚCIA DE CARVALHO RANGEL

**PROFISSÃO: REPÓRTER ESPORTIVO - DAS NARRATIVAS DA NAÇÃO AO
OFÍCIO DO JORNALISTA CONTEMPORÂNEO**

Dissertação para obtenção do grau de mestre apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea – CPDOC/FGV.

Área de concentração: Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Co-orientador: Prof. Dr. Joelle Rachel Rouchou

Rio de Janeiro

Mai 2014

Rangel, Ana Lúcia de Carvalho

Profissão : repórter esportivo – das narrativas da nação ao ofício do jornalista contemporâneo / Ana Lúcia de Carvalho Rangel. – 2014.

79 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Coorientador: Joelle Rachel Rouchou.

1. Futebol. 2. Jornalismo esportivo. 3. Comunicação de massa e esportes. 4. Imprensa. I. Hollanda, Bernardo Borges Buarque de, 1974- . II. Rouchou, Joelle. III. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. IV. Título.

CDD – 070.449796334



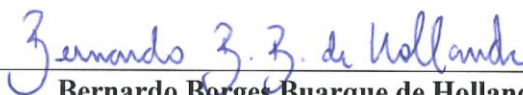
ANA LUCIA DE CARVALHO RANGEL

**PROFISSÃO REPÓRTER ESPORTIVO: DAS NARRATIVAS DA
NAÇÃO AO OFÍCIO DO JORNALISTA CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Data da defesa: 26/05/2014

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO



Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Orientador (a)



Joelle Rachel Rouchou

Co-orientador (a)



Américo Oscar Guichard Freire



Edison Luiz Gastaldo

Dedico esta dissertação à minha filha, Fernanda, fonte maior e inesgotável de motivação e estímulo para tudo; e aos meus pais, Mario e Sylla Rangel, a quem devo títulos e conquistas.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea – CPDOC/FGV, na pessoa da coordenadora Luciana Quillet Heymann.

Ao meu caríssimo orientador, Professor Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, por ter acreditado em mim e me deixado livre para seguir os caminhos que traçamos para chegar até aqui.

À minha querida co-orientadora, Professora Dra. Joelle Rouchou, referência como profissional e como pessoa, a quem faço um agradecimento especial por ter me apontado o caminho de volta à academia.

Aos membros da banca examinadora, Professor Dr. Edison Gastaldo e Prof. Dr. Americo Oscar Guichard Freire.

Aos professores do CPDOC/FGV dos quais tive o prazer de ser aluna: Monica Kornis, Américo Freire, Bianca Freire Medeiros, Mario Grynszpan e Angela Castro Gomes.

Aos meus colegas do curso de mestrado, especialmente Flavio Aniceto dos Santos, pelo companheirismo e pelos momentos divertidos que me proporcionou nesses dois anos de convívio, através do qual cumprimento a todos.

Aos jornalistas Michel Castellar, Silvio Barsetti, Claudio Portella, Marlucci Martins, Ricardo Gonzalez e Carlos Lemos, pelas entrevistas concedidas e por me deixarem penetrar em seus apaixonados universos. Ao Carlos Lemos, meu eterno agradecimento por tudo que, durante esses anos de convivência, me ensinou sobre o ofício e sobre a vida.

À minha aluna Paula Oliveira Santos e ao ex-coordenador do Laboratório de Produção Televisiva da UniverCidade, Bernardo Combacau Duarte, que não só disponibilizaram o equipamento e filmaram/gravaram as entrevistas, mas estiveram disponíveis sempre que solicitados e atuaram de forma extremamente profissional e competente.

À Professora e amiga Marta Dantas, sempre pronta a ajudar e a escutar.

Ao ex-aluno e agora parceiro profissional, jornalista e estudioso de futebol, Filipe Mostaro, com quem aprendo cada vez mais sobre o mundo mágico desse esporte.

A todos os meus alunos e ex-alunos que, direta ou indiretamente, me motivaram a seguir nesta jornada.

Ao meu amigo e “mestre”, jornalista Tim Lopes (*in memoriam*), que acompanhou e orientou meus primeiros passos na profissão e com quem tive a honra de aprender a ser jornalista.

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo investigar de que maneira o repórter esportivo contemporâneo se relaciona com o futebol e como essa relação interfere no seu ofício e na construção do texto jornalístico. Mais especificamente, busca identificar as práticas adotadas e as estratégias narrativas utilizadas na construção de seus textos. O estudo dos elementos presentes na prática jornalística tem como perspectiva que a mídia participou ativamente da construção do imaginário futebolístico nacional e é na contemporaneidade a grande mediadora entre o público e os eventos esportivos. É sob este prisma que se pretende apurar como se dá a relação com o trabalho do profissional de imprensa que se identifica com seu objeto, analisar qual o lugar da emoção na composição da notícia esportiva e verificar que valores imbuem esse profissional na construção do texto jornalístico. A análise tem como *corpus* entrevistas de história oral temática com seis jornalistas que atuam ou atuaram como repórteres esportivos em jornais diários da cidade do Rio de Janeiro, todos com expressiva trajetória no meio esportivo, o que lhes confere credibilidade e autoridade públicas para protagonizar a constituição da memória da imprensa esportiva brasileira. O trabalho é constituído por três etapas: 1) a contextualização – quando se relaciona futebol e formação social brasileira, imprensa e jornalismo esportivo -; 2) o estudo do jornalismo como ofício a partir das teorias da Sociologia das Profissões e das estratégias narrativas utilizadas no texto noticioso esportivo nos jornais; e 3) a análise qualitativa das entrevistas temáticas.

Palavras chave: futebol; jornalismo esportivo; imprensa; repórter esportivo; texto jornalístico; notícia; paixão

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate how the contemporary sports reporter relates to football and how this relationship interferes with their craft and construction of journalistic text. More specifically, it seeks to identify practices and the narrative strategies used in the construction of their texts. The study of the elements present in journalistic practice has the perspective that the media actively participated in the construction of the national football imagery and in the contemporary is the great mediator between the public and sporting events. It is in this light that is intended to ascertain how is the relationship with the work of professional press that identifies with its object, examine what is the place of emotion in the composition of sports news and check values that imbue this professional in the construction of journalistic text. The analysis has the *corpus* of oral history interviews with six journalists who act or have acted as sports reporters at daily newspapers in the city of Rio de Janeiro , all with significant career in sports , which gives them credibility and public authority to star in the constitution memory of Brazilian sports press. The work consists of three steps: 1) contextualization - when relating football and Brazilian society, media and sports journalism - ; 2) the study of journalism as a profession from the theories of Sociology of Professions and the narrative strategies used in the sportive news in the newspapers ; and 3) the qualitative thematic analysis of the interviews .

Keywords : football ; sports journalism ; press; sports reporter ; journalistic text ; news ; passion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Das motivações para realização desta pesquisa.....	11
1. FUTEBOL, IMPRENSA E IDENTIDADE NACIONAL.....	14
1.1. Futebol e sociedade brasileira.....	15
1.1.1. A fase inicial	17
1.1.2. Futebol amador x futebol operário	20
1.2. Esporte e meios de comunicação de massa.....	25
1.2.1. O futebol penetra na imprensa.....	29
1.2.2. Virando a mesa.....	31
2. O OFÍCIO DA PAIXÃO.....	36
2.1. O espetáculo e seus atores.....	36
2.2. As mudanças no labor	42
2.3. A narrativa da paixão.....	45
2.4. A folhetinização do futebol nas páginas.....	48
3. MEMÓRIAS DE QUEM CONSTROI MEMÓRIAS	51
3.1. Infância e socialização futebolística - a família, a escola e o lazer.....	51
3.2. O indivíduo e o profissional, o labor e a vida privada.....	56
3.3. Profissional x torcedor, isenção x engajamento.....	65
3.4. O texto jornalístico: estilo, paixão e dever.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

INTRODUÇÃO

Das motivações para a realização desta pesquisa

O futebol é considerado uma das maiores expressões da cultura brasileira, capaz de mobilizar e unificar cidadãos de diferentes etnias, crenças e grupos sociais, tornando-se por isso objeto de interesse patrimonial, a exemplo do recém-criado Museu do Futebol (2008), em São Paulo.

Não é por mero ufanismo que se denomina o século XX no Brasil como o século do futebol. De acordo com o estudioso de futebol Ronaldo Helal (1998), em artigo intitulado *Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação*, o antigo esporte bretão, desde que aportou no país passou por um processo de incorporação cultural pelos diversos segmentos da sociedade até alcançar a preferência nacional e se transformar em “paixão nacional”.

Em seus escritos, os pesquisadores Helal (1997) e Franco Junior (2007), atribuem à imprensa papel determinante na consolidação do futebol como esporte de massa e elemento constituinte da cultura popular. A imprensa esportiva, para os autores Victor de Melo (2012) e Bernardo Buarque de Hollanda (2012), assim como Mário Rodrigues Filho, para José Sergio Leite Lopes (1994) e Cesar Gordon (2001), são considerados fundamentais “na formação de um público de massa para o futebol.” (LEITE LOPES, 1994, 71)

Como jornalista, tive oportunidade de estabelecer uma rica convivência com essa área da imprensa, quando integrei a equipe da Assessoria de Imprensa e Comunicação da Confederação Brasileira de Futebol. Por ocasião de minhas atividades na Seleção Brasileira de Futebol, durante quatro anos – de 1998 a 2002 – trabalhei diariamente com a imprensa esportiva nacional e internacional.

Ao longo desses anos, não raras vezes passamos semanas consecutivas em viagens com a Seleção Brasileira, que se transformaram em *locus* inevitáveis para exercícios de observação do comportamento dos jornalistas que integram a imprensa esportiva.

Nessas ocasiões, já que o universo de jornalistas numa cobertura jornalística de Seleção Brasileira é bastante expressivo – um jogo Brasil x Argentina chega a ter 1,5 mil jornalistas credenciados - e ainda que de maneira informal, passei a fazer uma espécie de pesquisa de campo, baseada na observação e no contato direto com tais jornalistas, sobre a relação que eles mantêm com o ofício e com o futebol.

Daí a motivação para trazer ao universo acadêmico minhas reflexões sobre imprensa esportiva e futebol. Intrigou-me especialmente constatar que os jornalistas esportivos narram esse esporte imbuídos do sentimento de pertencimento comum a milhares de brasileiros que têm o futebol, mais do que como prática esportiva e cultural incorporadas às suas vidas privadas, como uma paixão.

Antes de serem jornalistas, esses profissionais são cidadãos amantes e conhecedores, quer praticantes ou simplesmente apreciadores que, assim como milhares de brasileiros cresceram jogando bola na rua, na praia, no clube, no campo de várzea, no quintal. Como todos, presenciaram discussões sobre futebol entre familiares, amigos ou no trabalho, frequentaram desde pequenos estádios de futebol levados por parentes ou colegas, ouviram no rádio ou assistiram pela televisão às transmissões dos jogos.

Conforme evidenciam os depoimentos dos seis profissionais aqui entrevistados e que embasaram com dados empíricos essa pesquisa, os jornalistas esportivos mantêm uma relação identitária, ativa e construtiva, com o futebol. É o sentimento de paixão pelo esporte que o leva ao prazer pelo ofício que escolheu.

Nesse contexto, essa dissertação tem como objetivo investigar de que maneira o jornalista esportivo da mídia impressa – no caso, jornais diários - do Rio de Janeiro se relaciona com o futebol e como essa relação interfere no seu ofício e na construção do texto jornalístico.

Como se dá a relação com o trabalho do jornalista que se identifica com seu objeto? Qual o lugar da emoção na composição da notícia esportiva? A paixão pelo futebol norteia o repórter para escrever sobre o esporte? Foram tais questionamentos que conduziram a pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de entrevistas de história oral com seis jornalistas esportivos de diferentes gerações – entre 30 e 85 anos –, todos com atuação em jornais diários do Rio de Janeiro.

O material que vai fundamentar a pesquisa é constituído basicamente das entrevistas de história oral com os seis jornalistas, lembrando que “a entrevista, a fonte oral, quando publicada tem fé de documento”, e que “a entrevista em história oral faz parte do projeto maior: um estudo sobre um tema preestabelecido.” (ROUCHOU, 2001, 8-9).

A opção por investigar jornalistas de veículos impressos se deu não só pelo papel do jornal no processo de popularização e consolidação do futebol nas três primeiras décadas do século XX, mas por ter sido o jornal o precursor dentre os meios

de comunicação de massa, que abriu caminho de alguma forma para o rádio e a televisão.

O estudo tem como recorte a imprensa escrita diária carioca, não só pela necessidade de delimitação geográfica do universo da pesquisa por questões inclusive de recursos, mas por se tratar de um destacado *locus* de atuação do futebol e da mídia, uma vez que a cidade abriga quatro grandes clubes de futebol – Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo - que, juntos, têm expressiva penetração popular em todo o país e recebem atenção e cobertura jornalísticas vultosas.

Cabe ressaltar ainda que os jornalistas entrevistados ocupam a função de repórteres, e também que dentre os seis, dois são autores de blogs e um escreva coluna semanal sobre futebol. Assim, a atividade primeira desses profissionais é a de repórter, e não de cronista, articulista ou comentarista de futebol. Na divisão do trabalho das empresas jornalísticas brasileiras, repórter é o profissional que apura e redige a notícia, no caso, esportiva. Esta passa por um complexo processo de produção até se transformar em matéria – ou reportagem – e é publicada na seção de esportes do jornal.

Por uma questão metodológica, essa dissertação foi dividida em três capítulos. Visando contextualizar os universos do futebol e da imprensa, o primeiro capítulo subdivide-se em duas partes: na primeira, busca-se demonstrar como o futebol brasileiro foi construído e ajudou a construir uma ideia correspondente de sociedade, sem no entanto ter-se pretendido fazer uma historiografia do futebol brasileiro ou adentrar os meandros do mito de origem desse esporte.

Num segundo momento do primeiro capítulo, analisou-se de que maneira a imprensa participou da construção do imaginário futebolístico nacional e como passou a incorporar o futebol como notícia. Aqui também não houve o propósito de compor uma história da imprensa esportiva, mas tão somente analisar como ela foi transformando a maneira de se apropriar do evento esportivo nas páginas dos jornais.

No segundo capítulo, com o objetivo de contextualizar o jornalismo como profissão, e a fim de melhor embasar a análise das entrevistas, enfoca-se a evolução e institucionalização do ofício por meio de uma revisão bibliográfica de livros, teses e artigos envolvendo a Sociologia das Profissões, onde são levantados aspectos específicos como a configuração do *ethos* e da identidade jornalísticos, a partir das idéias de especialistas como Eliot Freidson, Isabel Travancas e Robson Dias.

Na segunda parte deste capítulo aborda-se e indaga-se que valores imbuem esses profissionais ao escrever sobre o esporte, a partir do pensamento de autores como Edison Gastaldo, Leda Costa e Heródoto Barbeiro.

No terceiro e último capítulo são analisadas qualitativamente as entrevistas realizadas com os seis jornalistas esportivos, com base nos autores e referenciais teóricos incluídos nos primeiro e segundo capítulos. O resultado das entrevistas embasou as conclusões desta pesquisa, conforme se pode constatar nas Considerações Finais.

Os entrevistados foram escolhidos não só por suas trajetórias profissionais, mas por serem jornalistas com destacada atuação no meio esportivo, o que os credencia e confere autoridade pública para serem protagonistas da memória da imprensa esportiva impressa do Rio de Janeiro.

Memória que, sobretudo de trinta anos para cá, vem sendo objeto de estudos acadêmicos, como a tese de doutorado da socióloga Fátima Antunes que originou o livro *Com os brasileiros não há quem possa (2004)* -, os estudos do Professor José Carlos Marques sobre a crônica em Nelson Rodrigues, como *O Futebol em Nelson Rodrigues (2000)*, sem falar nos debates sobre os inúmeros escritos de Mario Filho, como o livro *Mil e uma noites de futebol - o Brasil moderno de Mario Filho*, do especialista Marcelino Rodrigues da Silva (2006) .

No entanto essa memória carece de investigação mais à luz da atualidade já que a delimitação da atividade do repórter esportivo contemporâneo, especialmente depois da profissionalização do jornalismo, em meados do século passado, trouxe uma nova forma de lidar e construir a notícia.

Notícia é o formato de texto que surgiu a partir da formação do campo jornalístico junto a todas as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas em meados do século XIX, como será visto no segundo capítulo. A construção da notícia é realizada a partir de técnicas que a distinguem de uma mera narrativa cronológica, o que também será aqui analisado.

Afinal, dos meios de comunicação de massa – que constituem um núcleo de central de produção simbólica nas sociedades atuais – muito além do conhecimento dos sistemas de valores, de representações, de imaginário coletivo que propõem, é imperativo saber também sobre os modos, os processos e as limitações com que se realizam. (WOLF, 2008, 189)

Uma das formas de se conhecer a produção simbólica resultante da indústria da informação, assim como das práticas jornalísticas, é a investigação do texto noticioso. Que aqui será desnudado por seus próprios autores, nas entrevistas integrantes do terceiro capítulo.

1. FUTEBOL, IMPRENSA E IDENTIDADE NACIONAL

“Há muito o que aprender sobre o processo pelo qual o jornal não só fala do mundo, mas participa efetivamente da produção da imagem que todos nós compomos da realidade e do cotidiano” (SEVCENKO, 1995, 11)

Introduzido no país no fim do século XIX - 1894 é considerado o ano oficial de sua chegada ao país - o futebol foi um atuante e expressivo ator social na formação da sociedade brasileira no início do século XX.

Embora inicialmente exclusivo dos *sportsmen* ingleses, além de alemães e italianos que aqui se instalaram na Primeira República, foi posteriormente apropriado pelas camadas populares da então emergente sociedade urbana brasileira que se formava naquele começo de milênio, tornando-se depois o esporte mais popular do país, jogado por indivíduos de todas as classes sociais em todo o território.

Se o futebol no Brasil foi inicialmente um entretenimento moderno trazido da Europa, adotado pelas novas elites urbanas, passou a ser, a partir e durante o século XX, um dos principais componentes da vida cultural brasileira, por meio de um processo que teve início em 1910 e se consolidou na década de 1930, segundo o autor José Sergio Leite Lopes (1994), e que modificou suas relações com a sociedade brasileira.

Aliada do futebol em sua divulgação, a imprensa esportiva, como veremos na segunda parte deste primeiro capítulo, desempenhou papel ativo na construção do imaginário nacional futebolístico – firmando-se como fonte fidedigna para entendermos a construção de representações ao redor do esporte. Para autores como Victor de Melo (2012), a imprensa foi um importante ator, com relevante grau de influência, no delineamento do campo esportivo.

E assumiu, segundo Melo (2012), o papel de contribuir para a “civilização” do país, levando o futebol para a agenda da cobertura jornalística como uma moderna prática, que se coadunava com a noção de progresso em voga naquele momento, utilizando-o como ferramenta para construir a imagem de um país independente.

Este capítulo é composto de duas partes que procuram demonstrar o processo de popularização do futebol através dos meios de comunicação. A primeira parte deste capítulo apresenta o funcionamento do futebol como representação, como fenômeno de produção de sentidos, cuja origem, narra Leite Lopes (1994, 71), remonta ao processo de construção de significados, através do qual se tornou um “complexo fenômeno

cultural”, mais do que uma prática esportiva nacionalmente difundida, mas “espetáculo e comunicação de massa, uma das manifestações culturais mais expressivas no Brasil”.

Na segunda parte deste capítulo, pretende-se analisar como esta identidade nacional foi conformada pelos meios de comunicação de massa – os mídia –, no caso desta dissertação os jornais e revistas da época. Que foram vetores das manifestações esportivas e culturais e moldam, como destaca Baeta Neves (1994), o sentimento de brasilidade, amplificado em todo o país por seu enorme poder de alcance.

Pesquisador de futebol, Hollanda (2012) destaca que o impresso constitui-se em fonte histórica e de documentação dos fatos e eventos relativos ao futebol. “A condição de legítimo receptáculo para as informações fragmentárias do dia a dia urbano fez do jornal um suporte inestimável para a reconstituição pormenorizada dos grandes acontecimentos sociais, dentre eles os relativos ao próprio esporte”. (HOLLANDA, 2012:15)

1.1 Futebol e sociedade brasileira

“Os ingleses podem ter inventado o futebol, mas o Brasil é quem tem dado sua alma” – frase escrita no portal de notícias da revista americana Sports Illustrated¹

A análise sobre como o futebol brasileiro foi construído – e ajudou a construir uma ideia correspondente de sociedade –, proposta neste capítulo, enfocará a transformação do futebol em “esporte nacional”. Como decorrente de um processo histórico protagonizado por atores do universo social, político e esportivo brasileiros, período compreendido desde sua chegada ao Brasil (1894) até a instauração do profissionalismo (1933).

O estudo dos autores aos quais faz referência este trabalho revela que a trajetória desse esporte no Brasil foi marcada pelo conflito de interesses sociopolíticos em três campos aparentemente distintos, mas interligados, a saber:

- 1- o embate entre os que defendiam a prática exclusiva do futebol pelos *sportsmen versus* jovens e adultos integrantes da classe trabalhadora e de outros setores não abastados da população, que se apropriaram das regras e técnicas e invadiram os campos de várzeas;

¹ Reportagem do *SI.com* do dia 28/06/2010, cujo trecho em inglês diz: “The English may have invented soccer, but Brazil has given the game its soul.”

- 2- essa disputa embutia outra questão, racial, pela hegemonia de brancos descendentes de ingleses, alemães e italianos imigrantes contra negros e mestiços brasileiros que insistiam em praticar o esporte bretão;
- 3- também expressando a divergência de interesses econômicos e sociais classistas da época, o futebol foi palco de desavenças ainda entre os defensores do amadorismo e os que clamavam pelo profissionalismo, como veremos a seguir.

Não é por mero ufanismo que se denomina “o século XX no Brasil como o século do futebol.” (HELAL, 2002, 1) De acordo com o autor, desde que aportou no país, a prática passou por um “processo de incorporação cultural pelas diversas camadas da sociedade”. Até se transformar, “mais do que paixão ... () num poderoso mecanismo de integração social, de solidificação de uma identidade nacional”.

A introjeção desse esporte na cultura brasileira é retratada pela relevância da prática futebolística desde que foi disseminada por aqui e pela possibilidade de se estudar o Brasil através dela. Assim, Roberto DaMatta (1982, 23-24), no livro *Universo do Futebol*, um dos pioneiros estudos acadêmicos no Brasil sobre o tema, considera o futebol um ‘filtro’ revelador da sociedade. Para o antropólogo, o esporte integra a sociedade tanto quanto a sociedade integra o esporte.

A incorporação do futebol “pela massas, que com ele mantém uma invejável intimidade”, como descreve DaMatta (2006, 143), também se reflete no sentimento de pertencimento à nação, como uma manifestação coletiva que unifica o povo no ideal comum da vitória.

Para o autor, a história do futebol brasileiro e a própria formação da sociedade brasileira no século XX são indissociáveis. DaMatta (1994, 71) conecta futebol e Estado e afirma que o futebol foi, mais do que um instrumento de integração entre o Estado nacional e a sociedade, acima de tudo um fator de propulsão para a modernização do país.

O entrelaçamento de ambos os campos – social e esportivo – revelou-se de forma acentuada no período da Primeira República, e se o futebol nasceu aqui como esporte da classe dominante, da elite, ou seja, sua prática tinha caráter meramente lúdico, ao se popularizar tornou-se uma das formas de negros e mestiços das camadas sociais mais pobres revelarem suas habilidades e, através dele, como profissão, a partir de 1933, uma possibilidade de ganhar a vida.

Praticado inicialmente pelos *sportsmen* e por seus compatriotas nos clubes, colégios e fábricas, era restrito aos ricos, já que “os pobres eram intrusos no espetáculo”, segundo o historiador Joel Rufino dos Santos (1981,14). Mas depois da primeira fase, de marca branca e inglesa, muitos brasileiros, como destaca DaMatta (1982., 59) “pretos e pobres começavam a entrar em campo, ainda que timidamente”. Foi assim, segundo o autor, que nasceram os chamados “clubes de esquina”, “times de pobre”, como o Corinthians Paulista.

Segundo o pesquisador Antonio Jorge Soares (2001), é a partir dessa popularização, quando os não brancos passam a exibir seus talentos individuais nos campos de várzea e também nos gramados, que passa a se conceber o futebol como esporte brasileiro. Santos (1981, 59) se aprofunda e ressalta que a partir dessa massificação do esporte, o jogo transforma-se em espetáculo. “A burguesia ia tomando o que era do povo para converter em objeto de lucro [...] Futebol e samba passavam de artesanato a negócio”.

Os jogos de futebol também contavam a luta dos negros e mestiços por um espaço na sociedade. Mário Filho, jornalista e um dos precursores do jornalismo esportivo, registrou em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro (1947)* episódios recorrentes onde estes, dependendo de como jogavam uma partida, eram idolatrados ou odiados. Mario Filho e a imprensa esportiva tiveram atuação decisiva na divulgação do futebol como construtor da identidade nacional e responsável pela integração racial.

Tanto os jornais e periódicos do final do século XIX e início do século XX, assim como os escritos – livros, matérias e crônicas esportivas – de Mario Filho, compõem um significativo *corpus* documental para entendermos como o futebol foi um atuante agente na formação da sociedade brasileira.

1.1.1 A fase inicial

Os primeiros anos do regime republicano instituído no país em 1889 foram marcados pela instabilidade. Se a defesa do federalismo unia grupos dominantes e representantes das principais províncias, o neófito sistema político era alvo de sérias divergências, como relata a historiadora Marieta Moraes Ferreira. Tendo como referência a similar norte-americana, a primeira Constituição republicana do país, de 1891, legitimou a República Liberal Federativa, concedeu ampla autonomia para os estados e implantou o sistema representativo democrático.

Foi neste cenário que desembarcou no Brasil um certo esporte bretão, que em alguns anos assumiria definitivamente o posto de mais popular no país. O ano que marca a chegada do futebol no país é também o ano de eleição de Prudente de Moraes, que iniciaria um período de presidentes eleitos como fruto da política de alianças da burguesia cafeeira de São Paulo e Minas Gerais – aliança popularizada com o nome de “café-com-leite”.

A exceção foi o período 1910-1914, quando eleito Marechal Hermes da Fonseca. Mas, assim como os primeiros governos militares de Deodoro e Floriano, também não conflitou com interesses da burguesia do café, conforme destaca o historiador Boris Fausto (2006), no livro *A Revolução de 1930 - Historiografia e História*.

Apesar das diferentes versões sobre como o esporte chegou ao país, a considerada oficial nos conta que o futebol, como é concebido hoje, segundo relatam alguns autores, como Franco Junior (2007) no livro *Dança dos Deuses - Futebol, Sociedade, Cultura* veio dos pés de Charles Miller, paulista, filho de escoceses, que em sua volta ao Brasil, em 1894, após alguns anos de estudos na Inglaterra, trouxe na bagagem, dentre outros artigos, duas bolas de futebol e dois conjuntos de uniformes.

Sócio do *The São Paulo Athletic Club* (SPAC), fundado em 1888, e funcionário da *São Paulo Railway Company*, o jovem Miller organizou a primeira partida oficial de futebol no Brasil, no dia 14 de abril de 1895, de acordo com o pesquisador Hilton Franco Junior. (2006, 60)

No entanto, acrescenta o autor, antes do retorno ao Brasil de Miller, entre 1880 e 1890, jesuítas haviam introduzido nos colégios um jogo chamado *ballon anglais*, traduzido na época como “bate bolão”, com 11 jogadores de cada lado, traves de madeira e times uniformizados.

Além dos relatos de escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, onde o futebol já seria praticado, Franco Junior narra sobre marinheiros ingleses, que jogaram em seus dias de folga em praias brasileiras, e cita o registro de uma partida de futebol, em 1878, em frente à casa da Princesa Isabel.

No mesmo ano – 1898 - em que foi firmado o pacto político conhecido como política dos governadores ou política dos estados, como preferia denominá-lo Campos Sales, seu idealizador, foi fundado o primeiro time formado só por brasileiros – *Associação Athletica Mackenzie College*; em 1899, o *Sport Club Internacional*, reunindo ingleses e brasileiros, e o *Sport Club Germania*, com alemães e descendentes

que aqui viviam; logo após a virada do século, no ano de 1900, nasceu o *Club Athletico Paulistano*, reunindo jovens de famílias tradicionais da cidade de São Paulo, conforme relata Franco Junior (2006).

Foi também dentro de grupos dominantes que surgiram os primeiros clubes, tanto os criados para a prática do futebol, como Fluminense, em 1902, e América, em 1904, ambos no Rio de Janeiro, quanto os fundados por iniciativa de estudantes que pertenciam a associações atléticas, como Botafogo, em 1904, e Ponte Preta, em 1900; e também os inicialmente voltados a outros esportes, mas que aderiram ao futebol, como o Náutico (1909) e o Flamengo (1912).

A fase inicial do futebol no Brasil, entre 1894 e 1920, destaca-se pela hegemonia dos ricos, para Santos (1981, 14), que exemplifica com ironia o caráter então excludente do esporte: “só inglês, grã-fino e branco”. Estes, para o autor, atuaram de forma ostensiva para impedir o acesso dos mais pobres, não só como praticantes, mas também como espectadores.

“Um match no field do Bangu Athletic Club, aí por volta de 1910, devia ser um espetáculo mimoso. Moças loiras e perfumadas na assistência. Jogadores impecáveis nos seus calções e meias importados. A grama, que servia também para o cricket, aquecida pelos últimos raios de Febo. Antes de se iniciar o meeting, os *hip-hurras!* E, depois, no final, o vencedor cantando, com hálito de whisky, o tradicional “when more we drink together, more friends we be.” (SANTOS, 1981, 15)

Esse começo de século XX tem, de acordo com a pesquisadora Luisa Prochnick (2010), como uma de suas características mais marcantes a prevalência de ideologias racistas, que não aceitavam a miscigenação, ainda que neste momento emergisse uma nova sociedade, urbana, e rumando para a industrialização.

A criação das ligas de futebol, a partir de 1902, que agregavam os clubes de elite, também refletia a visão segregadora que dominava até então o universo do emergente esporte brasileiro e a excludente estrutura política nacional. Tais ligas espelhavam a ideologia federalista republicana, marcada por conflitos entre grupos oligárquicos rivais, como ressalta Franco Junior (2006). Não por coincidência, é neste contexto que, em 1902, foi criada a *Liga Paulista de Football* e em 1905 surgiu no Rio de Janeiro a *Liga Metropolitana de Football*.

Franco Junior (2006, 63) destaca que “os poderes da República eram verdadeiros clubes de elite”, que rechaçavam a participação popular, num período em que escolas e clubes eram espaços exclusivos de lazer, formação e sociabilidade dos

grupos dominantes, que detinham os meios materiais – bola, uniforme, chuteiras – e meios intelectuais – conhecimento das regras, da terminologia –, para a prática do esporte.

O futebol foi nesse momento “um novo item da modernidade europeia”, que se encaixava na necessidade de atualização das elites brasileiras, segundo Franco Junior (2006, 63). O professor José Miguel Wisnik (2008) classifica a origem aristocrática do futebol, que representava essa realidade da sociedade, como o lado visível do início do futebol no país.

“Implantado e praticado regularmente entre *sportsmen* nos clubes *chics*, com status de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário, esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social.” (WISNIK, 2008, 200)

1.1.2 Futebol amador x futebol operário

O início do século, sob a égide da Primeira República (1889-1930), foi de mudanças internas na sociedade brasileira, que dava os primeiros passos em direção ao processo de urbanização e industrialização. O crescente processo de migração para as cidades decorrente da industrialização fez emergir uma nova classe social: o proletariado urbano. E entre a classe operária, nas fábricas e nos terrenos descampados dos bairros fabris e nas várzeas dos rios, o futebol conquistou uma posição de destaque. Wisnik (2008) descreve esse outro lado do futebol:

“...o futebol de pobres, o movimento presumível de gandulas improvisados, moleques trabalhadores e desclassificados, que se impregna daquilo que vê nos campos ricos e se irradia rápida e indomável pelas várzeas e clubecos populares como um rastilho de pólvora”. (WISNIK, 2008, 200)

Os clubes da elite passaram então a aceitar em suas equipes os jogadores que se destacavam nos times de várzea, ressalta a pesquisadora Fatima Martin Rodrigues Antunes (2006). Também tornou-se comum a criação de clubes de operários nas fábricas, que recebiam inclusive apoio material dos industriais. Ao longo da primeira metade do século XX, a prática se tornou tradição – o futebol amador era praticado em quase todos os clubes de fábrica.

Um dos clubes de fábrica mais famosos, destaca a autora, foi mantido pela *Cia. Progresso Industrial*, a “Fábrica Bangu” do Rio de Janeiro. O *The Bangu Athletic Club*, fundado em 1904 pelos funcionários ingleses – técnicos e mestres – para se divertir nas

horas de folga. Os ingleses, contudo, não conseguiram formar duas equipes completas para jogarem entre si e então passaram a incluir operários da tecelagem nas equipes.

Clubes nasciam de jogos improvisados na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ganhava organização. A direção da fábrica costumava ceder um terreno de propriedade da empresa para a instalação do campo de futebol e a construção da sede social ou, então, ajudar no pagamento de aluguéis. Oferecia uma quantia mensal em dinheiro para as despesas com energia elétrica, limpeza dos uniformes, transporte de jogadores e outras, mas cobrava relatórios e balancetes para saber como os recursos eram aplicados. Esboçava-se, assim, uma primeira forma de controle sobre o clube.

Havia também jogadores que percorriam o caminho inverso. Contratados por clubes profissionais, eles aproveitavam as relações estabelecidas no meio esportivo para obter um emprego paralelo nas fábricas, a fim de aumentar seus rendimentos. Esse tipo de fraude, revela Antunes (2006), o “emprego de cobertura”, foi prática comum.

Os operários que integravam o time da fábrica passaram a conquistar benefícios em sua atividade profissional regular, como liberação do trabalho para os treinamentos e/ou alocação em funções com trabalho mais leve, possibilidade de promoção mais rápida.

Gerações de trabalhadores foram admitidas nas fábricas, não só porque trabalhavam bem, mas também porque jogavam com virtuosidade. Passou-se a valorizar o “capital esportivo” dos operários no mercado de trabalho, preferindo-se contratar um bom futebolista a um bom operário. O apoio dos patrões aos clubes de futebol favoreceu a consolidação do chamado falso amadorismo, ou amadorismo marrom - que atingiria o auge nas décadas de 1940 e 1950.

Para uma parcela das camadas sociais menos favorecidas, o futebol praticado no clube de fábrica significava a possibilidade de fazer carreira como operário-jogador. Oferecia-se uma remuneração especial nesses casos, sob a forma de presentes, gratificações e, inclusive, um segundo salário.

As duas forças antagônicas que, nas primeiras décadas do século XX, já estavam delineadas - uma que concebia o futebol como esporte restrito à nova burguesia educada e europeizada, segundo Helal (1997), e outra que defendia a prática desse esporte por toda a sociedade, na realidade contrapunha dois interesses antagônicos nesse novo campo esportivo, de um lado os defensores do amadorismo, e de outro, os do profissionalismo no futebol.

Mas, conforme alerta Helal (2001, 40), “a lógica do amadorismo não pode ser completamente abstraída do ambiente ideológico e do contexto cultural” nos quais se insere. “A defesa do amadorismo – explícita ou implicitamente – era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas”.

O debate em torno do profissionalismo surge no final da década de 1910, e a partir de 1915 surgem registros de alguns jogadores que recebiam dinheiro de sócios ricos dos clubes. Em 1917, os clubes de Rio de Janeiro e São Paulo começaram a cobrar ingressos dos espectadores que assistiam às partidas, período que ficou conhecido como “profissionalismo marrom” ou falso amadorismo.

A terceira década do século XX foi marcada no futebol pela discussão entre os defensores da continuação do amadorismo e os que se colocavam favoráveis à profissionalização dos jogadores. Países europeus já haviam adotado o profissionalismo e o Brasil sofria com a evasão de seus melhores esportistas rumo a outros mercados, ressalta Helal.

E o crescimento da prática futebolística no país, que de acordo com o autor, já ocupava, nos anos 20 do século XX, a posição de principal forma de lazer no Brasil, inseria-se num contexto favorável a mudanças na sociedade brasileira.

No entanto, como até 1923 os times campeões foram aqueles cujos jogadores eram majoritariamente amadores, o problema do amadorismo marrom não incomodava tanto. A vitória de um time de jogadores remunerados, ao contrário, provocou forte reação dos defensores do amadorismo, que promoveram uma cisão no futebol do Rio de Janeiro, criando uma liga à parte, excluindo o Vasco. Posteriormente, o Vasco foi reintegrado e a liga reunificada, mas o debate em torno do profissionalismo iria precisar de mais dez anos para ser solucionado.

Foi na década de 1930 que tanto o futebol quanto a sociedade brasileira passaram por mudanças estruturais significativas. Foi o momento da transição entre a perda de poder da oligarquia paulista e, a partir de 1930, a centralização do poder pelo Estado, que passaria a ser o principal ator da sociedade, capaz de consolidar a unidade nacional, com uma economia modernizante e industrializada.

Paralelamente, o futebol vivia a passagem do amadorismo para o profissionalismo – a elite dominante que comandava o esporte também buscava espaço para exercer a hegemonia e neste período as entidades do esporte disputavam para organizar oficialmente o futebol brasileiro, num contexto em que as rivalidades regionais acirravam ainda mais o conflito entre paulistas e cariocas.

Um outro componente apimentava o cenário propício à legitimação e legalização do profissionalismo: o Brasil começava a exportar involuntariamente os grandes jogadores, uma tendência que contribuiu decisivamente para o fim do amadorismo. Muitos deles como Fausto, Leônidas, Domingos da Guia, respectivamente nos anos 1931, 1932 e 1933, foram atraídos pelo profissionalismo já instaurado na Europa e até outros países da América do Sul, como Uruguai e a Argentina. De acordo com Leite Lopes em “A vitória do futebol que incorporou a pelada (1994)”:

“O mal-estar de muitos jogadores que se consideravam “escravos” dos entraves do amadorismo encontrou uma saída no início da década de 30 na demanda de jogadores sul-americanos por parte dos clubes europeus, em particular os italianos.” (LOPES, 1994,70)

Em 1931, a profissão de jogador de futebol foi uma das incluídas para regulamentação, fruto da então inovadora legislação trabalhista. A reboque de Argentina – 1931 – e Uruguai – 1932 -, a Liga Carioca de Futebol, formada por Vasco, Fluminense, América, Bangu e Bonsucesso, em 1933 adotou o profissionalismo na relação com os jogadores, assim como a paulista APSA, que seguiu o mesmo caminho. Imediatamente após esta decisão, revela Helal (1997, 49), no livro *Passes e Impasses*, o futebol passa a ser realmente um destacado ícone de integração nacional e fator constituinte de identidade cultural no Brasil.

Também já neste momento, os clubes obtinham cada vez mais adesão popular. O futebol passou a ser entendido pelo novo governo como fator de mobilização das massas e a seleção, um forte componente da identidade nacional, como destaca Franco Junior.

A década de 1930 foi marcante também no sentido de trazer à tona uma nova maneira de se conceituar o Brasil. No mesmo ano em que se instaurava o profissionalismo no futebol, o sociólogo Gilberto Freyre lançava o livro *Casa Grande & Senzala*, um marco divisor para a sociedade brasileira em relação às teorias sociais vigentes sobre a questão racial na formação da sociedade brasileira.

A então inovadora visão de Freyre, que entendia a miscigenação racial como resultante de uma harmonia nas relações entre as diferentes raças que compõem a população brasileira, originou a noção de “democracia racial”, que passou a ser considerada uma das manifestações e representações de identidade nacional, segundo Franco Junior. E essas novas teorias sociológicas sobre o país encaixavam na temática do nacionalismo do Estado Novo de Vargas, calcada no binômio *mistura e integração*.

Foi neste cenário que o futebol viveu seu apogeu. Dos anos 1930 aos 1950, o esporte foi incorporado como prática social e sua popularização aumentava a cada ano. Estudiosos do futebol, como Franco Junior e Helal, atribuem não só à profissionalização, mas também à imprensa a consolidação do futebol como esporte de massa e elemento constituinte da cultura popular.

O jornalista Mário Rodrigues Filho é considerado por autores como Leite Lopes e Cesar Gordon, um ator social com papel fundamental na formação de “um público de massa para o futebol”, como denomina Leite Lopes (1994,70). Periódicos como *A Gazeta Esportiva*, *O Globo* e *Jornal dos Sports* foram atores com papel destacado na construção de sentidos e significados no imaginário futebolístico nacional.

A partir da atuação da imprensa passou-se a difundir a noção de futebol com estilo brasileiro, como uma característica própria da etnia brasileira, resultado de uma maneira brasileira de jogar futebol, exclusiva do Brasil. Esse estilo, de acordo com Helal e Gordon (2001, 43), refletiria “traços do “caráter” ou do “espírito” brasileiro, sobretudo a ideia de um ajuste bem feito entre elementos europeus e africanos, brancos e negros.

Daí deriva a noção de que o futebol brasileiro “se manifesta em campo como uma espécie de “dança” e expressa características tais como malícia, arte, musicalidade, ginga e espontaneidade.” (Helal e Gordon, 2001, 43)

Foi este entendimento o fio condutor que guiou Mario Filho na defesa ferrenha do profissionalismo, que considerava um eficaz instrumento para, naquele contexto histórico e social, levar à emancipação dos negros, como ressalta Franco Junior, “condição necessária para a constituição do futebol como esporte nacional”.

Para ele, mais do que o aspecto econômico, o profissionalismo proporcionaria uma relação de identidade entre jogadores e público, que partilhavam o mesmo ideal de emancipação social pela via do esporte. Nas crônicas esportivas de Mario Filho os jogos de futebol, destaca Leite Lopes (1994, 45), “eram verdadeiros épicos, onde estavam em jogo valores humanos mais altos e não apenas disputas esportivas”.

Personagem principal da construção do estádio do Maracanã, projetado especialmente para sediar a Copa do Mundo de 1950, no Rio de Janeiro, Mario Filho ressaltou, em seu livro *O negro no futebol brasileiro (1947)*, como destacam Helal e Gordon (2001, 49) que as dimensões superlativas do estádio, exaltavam “o amor do brasileiro pelo futebol”.

O jornalista é mais uma voz corrente dentre os que protagonizaram e testemunharam a disseminação do esporte naquele início de século a atribuir ao futebol a função de integrar negros e mestiços na sociedade, que levaria à democratização das relações sociais

Num momento de profundas mudanças sociais e políticas no país, o futebol foi uma via natural para que a questão da mistura de raças fosse vista como um componente da etnia brasileira e, sobretudo, para que despertasse o sentimento de pertencimento a um projeto de nação que se coadunava com os ideais do Estado Novo.

Depois da profissionalização do esporte, foi inevitável a incorporação pela sociedade do futebol como prática social e produto de uma cultura de massa. Assim o futebol brasileiro, e igualmente a sociedade brasileira, passava a ser aceito e compreendido como consequência da miscigenação racial e, como tal, definidor de uma identidade social.

1.2. Esporte e meios de comunicação de massa

“Esporte e mídia: dois filhos diletos da modernidade”.
(GASTALDO, 2004, 3)

Assim define o pesquisador Édison Gastaldo (2004) o surgimento “quase concomitante do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa, em fins do século XIX”, apontando as origens e construção da intrínseca relação entre ambos na contemporaneidade.

De acordo com a Professora Titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Anamaria Fadul, em artigo intitulado *Indústria Cultural e Comunicação de Massa (1978)*, desde o fim do século XIX o jornal era um veículo de comunicação de massa:

“Com relação à comunicação de massa, pode-se dizer que ela não é uma característica do século XX, mas tem já suas manifestações no século XIX claramente delineadas. Uma das primeiras formas de comunicação de massa mediadas por um veículo é identificada com o jornal diário. Percebe-se que existe aí uma outra realidade em ação, interferindo profundamente em toda a sociedade. Com o jornal diário, surgiram concomitantemente a caricatura, a fotografia e, um pouco mais adiante, o cinema...”(FADUL,1978)

Quando a indústria de bens de consumo no século XIX, até então predominantemente artesanal, ingressa no processo industrial, e com o crescimento da população urbana, o modo de produção da notícia é reconfigurado. A informação passa a ser tratada como mercadoria e entretenimento, segundo Prochnik (2010).

No mesmo período, na Inglaterra, entra em cena o futebol moderno. Helal, em seu livro *Passes e Impasses (1997)*, revela que em 1863 começa a prática do esporte com regras semelhantes às atuais, destacando que a folga aos sábados, conquistada pelos operários, foi importante para tornar o futebol principal forma de lazer da massa.

O autor reitera que futebol tem relação direta com os meios de comunicação de massa desde que começou a ser praticado em terras brasileiras. “Afinal de contas, a ‘cultura de massa’ no Brasil se plasmou e se desenvolveu quase concomitantemente ao surgimento, desenvolvimento e popularização do futebol no país” (HELAL, 1997, 16).

Victor de Melo (2012) destaca que nos jornais e revistas do século XIX os eventos esportivos eram divulgados de duas formas. Inicialmente o periódico publicava notícias sobre os programas, regulamentos, ocorrências em geral, de forma resumida, em alguma de suas sessões.

Com o passar do tempo, e os jornalistas conhecendo melhor o funcionamento e as atividades do universo esportivo, as notícias passaram a ser mais detalhadas. Mesmo assim, praxe comum, à medida que aumentavam o número de eventos, os clubes e organizadores de espetáculos esportivos pagavam anúncios para atrair o público.

Embora os jornais não destinassem espaços próprios a tais eventos para este fim até o final do século XIX - assuntos referentes às práticas esportivas eram divulgados junto às informações comerciais, políticas e acontecimentos sociais, como ocorria na *Gazeta de Notícias* e no popular *O Paiz* -, os periódicos foram transformando-se em arena pública e formadores de opinião ao longo daquele século.

As práticas esportivas passaram a ser noticiadas, destaca Melo (2012), seguindo o calendário dos espetáculos: um evento esportivo era divulgado desde antes de sua realização, quanto no seu curso e depois de terminado – abrangendo a narração e a repercussão do mesmo.

O *Jornal do Brasil*, lançado em 1891, já no segundo dia de circulação, 10 de abril, publica a coluna “*Sport*”, com três notícias sobre turfe: dois informes sobre cavalos vindos da Europa e uma informação sobre provas que seriam realizadas no Hipódromo Nacional – nos dias 12 e 13 de abril o assunto foi notícia no mesmo jornal.

Este modelo baseado em publicação de comunicados, programas e resultados das corridas de cavalos vigorou durante muitos anos na imprensa, como descreve Melo, e, além de poucas notícias sobre coudelarias, modalidades como corrida a pé, ciclismo e remo, também tinham espaço nas páginas.

Na última década do século XIX, quando outras modalidades esportivas já haviam sido incorporadas como práticas, o *Jornal do Brasil* passou a dar mais espaço para o esporte. Ao final do século, o remo se igualou ao turfe na condição de prática mais divulgada e com enorme apelo popular. Outras publicações foram se rendendo aos eventos esportivos – até mesmo a revista literária semanal *A Semana* abriu espaço para os mesmos, lembra Melo (2012, 28).

Já na década inicial do século XX o esporte foi agregado de vez ao noticiário jornalístico, quando importantes revistas como *FonFon*, *Careta*, *O Malho*, *Revista da Semana* publicaram matérias esportivas. A partir de 1912, o *Jornal do Brasil* destinou uma página inteira ao esporte, sendo o primeiro periódico de circulação diária no país a fazê-lo, conforme ressalta também Melo (2012, 28).

Ao divulgar os eventos e esclarecer a opinião pública sobre os esportes, a imprensa tornou-se ator social destacado que deu visibilidade às práticas esportivas, tornando-as atraentes para diferentes setores da sociedade. Além de transformar em ídolos seus protagonistas, afirma Melo, a imprensa escrita contribuiu também para o processo de popularização do fenômeno.

Mas da pauta da imprensa não constavam apenas notícias que estimulavam a construção dos sentidos e significados almejados pelas elites dominantes para o esporte. Fofocas, escândalos e outras questões polêmicas de diferentes naturezas também integravam a agenda jornalística, muitas vezes incentivada pelo próprio público. Os jornais chegavam, segundo Melo, a interferir no calendário das provas.

Observa-se aí um momento em que o discurso jornalístico calca-se ainda em modelo opinativo, como na questão das apostas, no início dos anos 1890, quando o *Jornal do Brasil* defendeu os *bookmakers* - agenciadores de apostas das corridas de cavalo -, enquanto *O Paiz* e o *O Diário de Notícias* apregoavam a proibição do jogo.

Diversos outros temas foram abordados nas colunas esportivas, mas, para Melo, as crônicas foram o *locus* privilegiado para a manifestação de posições sobre o esporte. E tais publicações foram importantes espaços de veiculação de ideias e produção dos literatos, como se pode constatar retrocedendo no tempo.

Por descreverem os acontecimentos semanais envolvendo cenas da emergente vida urbana no século XIX, as crônicas traçavam um retrato literário da cidade, com forte vocação para expressar representações sobre diferentes aspectos de um tempo.

“Os cronistas do século XIX trouxeram para as páginas as mudanças de hábitos e costumes de então, inclusive a valorização das vivências

públicas de diversão. Os esportes foram presença constante nestes escritos e refletiam a construção de um imaginário e um ideário modernos, no qual a prática esportiva se inseria desde então.” (MELO, 2012,34)

Já no início da segunda metade do século XIX, o Visconde do Rio Branco anunciava a novidade em sua coluna no *Jornal do Commercio*. “*Cartas ao Amigo Ausente*”, publicada entre 1850 e 1851, assim como seu sucessor na coluna, Antonio Piscot, narrou também os primórdios do remo, ambos sob a égide de uma sociedade que já começava a valorizar a busca da diversão pública.

Em 1854 e 1855, José de Alencar, na coluna *Ao Correr da Pena*, publicada no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*, destaca as corridas de cavalo e as regatas como novas modalidades para os cariocas se inserirem numa vida pública mais ativa.

Em suas crônicas – entre outras, o *Diário do Rio de Janeiro* (em 1861, 1862, 1865 e 18670; *O Cruzeiro* (1878); *Ilustração Brasileira* (1876, 1877 e 1878); e *Gazeta de Notícias* (1883 a 1886 e 1892 a 1897) –, Machado de Assis, embora receptivo a algumas modalidades, que entendia como um avanço social, segundo Melo, criticava outras, como brigas de galo e touradas.

Raul Pompeia e Olavo Bilac também foram cronistas que escreveram sobre esporte, assim como Arthur Azevedo, que o abordou até em suas obras teatrais, e cujas crônicas foram publicadas em *O Paiz*, *Diário de Notícias* e *A Notícia* e na revista que fundou, *Vida Moderna*. De acordo com Melo (2012, 37), remo, turfe, ciclismo, jogos de pelota e “as falcatruas e escândalos” deles decorrentes eram metáforas das quais o autor se utilizava para retratar a hipocrisia que este percebia na sociedade.

1.2.1 O futebol penetra na imprensa

O futebol tornou-se assunto de interesse da imprensa já a partir de 1910, segundo historiadores como Leite Lopes, no artigo *A vitória do futebol que incorporou a pelada* (1994). Estudioso de futebol, Rodrigues da Silva (2006) destaca que alguns autores e especialistas creditam às décadas de 1920 e 1930 a popularização do futebol – período durante o qual a luta pela profissionalização esteve no auge.

O autor considera que até meados dos anos 1920 as regatas se destacavam neste noticiário, e o futebol “só ocupava uma ou duas colunas da página”, chamando a

atenção para o fato de que “o *Jornal do Brasil* podia eventualmente dedicar uma página a um grande jogo de futebol mas somente depois da partida realizada.” (SILVA, 2006, 34)

Silva realça as características da imprensa esportiva da época: utilização de linguagem predominantemente com termos ingleses e de fotos formais e posadas dos jogadores - todos de gravata e paletó. Ruy Castro, na biografia sobre Nelson Rodrigues, ressalta que, até então, os jornais “calçavam polainas quando se referiam, à inglesa, ao Club de Regatas Flamengo, ao Fluminense FootballClub”. (SILVA, 2006, 35)

No livro *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, marca a virada do século como o momento em que o futebol começou a merecer atenção das elites, o que impulsionou, na sua visão, o crescimento da imprensa esportiva. Citando como exemplo periódicos surgidos naquele início de século, o autor considera que a imprensa apenas refletia o modelo de apropriação das práticas esportivas pelas elites e o desprezo aos sentidos que outros grupos sociais construíam em torno dessa nova cultura esportiva.

Considerado um ícone do crescimento da imprensa esportiva e um dos responsáveis pela popularização do futebol, o jornalista Mario Filho, na “*Nota ao Leitor*” da primeira edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro (1947)*, enfatiza:

“O futebol só interessou às folhas depois de se tornar uma paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu as cidades em grupos, em verdadeiros clãs, o futebol quase não existia para os jornais. Somente depois de 10 é que o futebol, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados do chamado esporte bretão, cada um com seu clube, escrevessem crônicas...” (FILHO, 1947)

Silva (2006) enfatiza que ao mesmo tempo em que foi o ápice da fase do futebol como esporte de elite, o decênio de 1910 também caminhou para a popularização do esporte. O autor cita o próprio Mario Filho, no mesmo livro, quando este revela que o jogo de estreia, em 1910, do goleiro Marcos Mendonça, entre Haddock Lobo e Fluminense, foi registrado em um quarto de coluna e “em menos de três anos, os jornais já davam uma página para um simples jogo.” (SILVA, 2006, 42)

Quatro anos depois, a seleção brasileira que disputou na Argentina, em 1914, a Copa Roca - competição criada em 1913 pelo então presidente argentino Julio Roca, para disputa entre Brasil e Argentina -, foi pauta da agenda esportiva.

O mesmo ocorreu com o Campeonato Sul-Americano de 1919, tema do livro *Sul-Americano de Futebol – Quando o Brasil descobriu o futebol (2009)*, do jornalista

Roberto Sander. Por ser realizado no Rio de Janeiro, o tema interessou duplamente à imprensa esportiva. Para Silva (2006, tais coberturas jornalísticas evidenciam o prestígio de que o futebol já desfrutava junto à imprensa brasileira.

O autor considera que o aumento do espaço dedicado pela imprensa ao futebol levou à evolução dos recursos de representação utilizados na cobertura de grandes eventos esportivos. Se no início da década as características eram textos curtos, linguagem altamente padronizada e estrutura textual fixa, as matérias foram aumentando de tamanho, a linguagem e estruturas textuais se diversificaram e surgiram novos enfoques de abordagem do esporte.

“O vocabulário polido e o tom laudatório foram sendo timidamente invadidos pela presença explícita da subjetividade dos cronistas, pela violência dos debates inflamados pelas rivalidades clubísticas e regionais.” (SILVA, 2006, 42-43)

Também em relação às imagens os recursos de representação utilizados pela imprensa se diversificaram: as poucas imagens utilizadas na década de 1910, restritas a fotos com jogadores e dirigentes de terno e gravata ou de jogadores perfilados -, cederam espaço a imagens com lances de jogo – os chamados aspectos do *match* -, de jogadores que se destacavam no jogo, de pessoas ilustres e autoridades da nova sociedade urbana, das multidões de torcedores, além de charges e caricaturas com uma leve pitada de comicidade.

Mesmo empregando tais aprimoramentos de recursos, até então, a imprensa esportiva não passara por mudanças mais radicais no *modus operandi*. Desde as tímidas notas do início do século até as grandes reportagens do Campeonato Sul-Americano de 1919, segundo Silva (2006), os assuntos, o tipo de imagem e os recursos linguísticos adotados se repetiam na forma e no conteúdo.

Na concepção do autor, a popularização do futebol e o crescimento de seu espaço nos periódicos ainda não tinham derrubado a hegemonia do modelo de jornalismo esportivo vigente. Algumas publicações, como as revistas de variedades, continuavam, ainda que timidamente, enfocando o futebol com a visão das camadas populares que vinham dele se apropriando.

“Por outro lado, alguns traços das novas demandas simbólicas que estavam surgindo com a popularização do futebol começam a aparecer no jornal O Globo, como pequenas quadrinhas cômicas sobre os clubes e os jogadores e nos desenhos narrativos ou timidamente caricaturais de Parpagnoli. Mas de modo geral a imprensa ainda funcionava como

instrumento de defesa de uma forma elitista de fruir e interpretar o esporte.” (SILVA, 2006, 97)

No que diz respeito à linguagem, embora o uso da terminologia inglesa já não fosse tão frequente, com registro de maior número de termos traduzidos ou adaptados ao português, ainda prevalecia, afirma Silva (2006, 101), “o tom empolado e laudatório, repleto de maneirismos retóricos do estilo bacharelístico”.

Foi nos anos 1930 que entraram em cena periódicos esportivos que viriam a ter longa duração e alcance nacional, de acordo com Hollanda (2012). Dentre eles, destacam-se, em São Paulo, em 1928, a *Gazeta Esportiva*, suplemento de *A Gazeta*, dirigido por Cásper Líbero, que em 1947, passa a ser vendido como diário autônomo; e no Rio de Janeiro, em 1931, o *Jornal dos Sports*, primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil, fundado por Argemiro Bulcão e Ozeas Mota, que em 1936 venderam-no para o jornalista Mario Filho.

Dois fatos se interpõem nesta década: a profissionalização do futebol e a unificação das ligas. Ambas contribuíram para que o *Jornal dos Sports* se inserisse e tivesse expressão no universo esportivo nacional. Para Hollanda, a massificação levou à criação da prática por parte da imprensa de acompanhar os campeonatos que, transmitidos pelo rádio, já chegavam a várias partes do país.

“A homologia entre a centralização das instituições brasileiras após a Revolução de 30, a criação de uma indústria cultural (Ortiz, 1991), que também se expressava por meio da criação de espetáculos esportivos, engendrados ou espelhados por um jornal esportivo de dimensão nacional, e os interesses comerciais dos jornais decorrentes da profissionalização do futebol impulsionaram a progressiva estruturação do campo esportivo”. (Hollanda, 2012, 82)

Nos primeiros editoriais o *Jornal dos Sports* reivindicava do poder público a organização, a disciplina e o planejamento futebolístico. O periódico realçava a forte rivalidade entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo e defendia a urgência do desenvolvimento dos esportes na então capital federal.

“Ainda valendo-se da linguagem doutrinária da época, as virtudes do esporte na formação moral, racial e corporal do povo brasileiro eram ressaltadas em editoriais que igualavam os ideais olímpicos às noções de raça, juventude e educação, que serviam para modelar o indivíduo moderno.” (HOLLANDA, 2012,87)

1.2.2. Virando a mesa

Um dos marcos na historiografia da imprensa esportiva brasileira foi a entrada em cena do jornalista Mario Rodrigues Filho. O jornalista consagrou um inovador estilo

editorial para a época, segundo Silva (2006), influenciado pelo modelo sensacionalista. O que teria sido adotado das páginas políticas e policiais do jornal *A Crítica*”, cuja seção de esportes dirigiu, e que era dissonante do modelo hegemônico de jornalismo esportivo.

Mas, de acordo com o autor, foi em *O Globo*, para o qual Mario Filho foi contratado em 1931, e cujas páginas protagonizaram um feroz embate entre as duas formas de abordagem jornalística do esporte, “que a hegemonia da interpretação elitista do futebol foi posta em xeque por um novo discurso sobre o futebol”. (SILVA, 2006, 98)

Ainda em 1931 todas as páginas 7 e 8 do jornal *O Globo* passaram a se dedicar exclusivamente aos assuntos esportivos. Silva (2006) entende que as ações internas desencadeadas por Mario Filho levaram a um novo fazer jornalístico. As matérias tornaram-se autônomas, geralmente com os depoimentos de jogadores, transformados em ídolos da neófito cultura de massas. As entrevistas abordavam temas até então incomuns. O cotidiano e a vida privada dos atletas passavam a interessar à pauta do jornalismo. A linguagem mais coloquial representou uma modernização do estilo jornalístico de cobertura de esportes.

Novo objeto de interesse jornalístico, a vida esportiva e privada dos jogadores de futebol humanizava esses personagens, aproximando-os das problemáticas, dos sentimentos e anseios dos torcedores de todas as camadas sociais que, àquela altura, lotavam os campos de futebol.

A página 8 de *O Globo* retratava bem esse novo campo temático: na primeira edição do dia 18 de junho de 1931, um texto informando sobre uma alteração na escalação do Fluminense para um jogo contra o *Ferencvaros*, time húngaro que então excursionava no Brasil, destaca o motivo da ausência de um jogador: “Albino vai casar”. Na primeira edição do dia 27 de junho, o periódico informa no título de uma nota, em tom anedótico: “Ze Luiz tem agora uma alfaiataria”.

Outro aspecto dessa nova construção da narrativa jornalística, a dramatização das biografias dos jogadores, narradas em tom melodramático, típico dos folhetins, levava a um processo de identificação dos torcedores com os jogadores, onde os primeiros reconheciam nestes suas frustrações e seus anseios de ascensão social.

Exemplificando essa nova narrativa, em meio à crise do amadorismo no Brasil, a página 8 de *O Globo*, relata Silva (2006), deu ampla cobertura à deserção de Fausto e Jaguaré, quando ambos deixaram a delegação do Vasco, então na Espanha, para aceitar

proposta do clube espanhol Barcelona. Entrevista publicada com um dirigente vascaíno na página 8 de *O Globo* da primeira edição do dia 17 de agosto de 1931 contempla uma narrativa característica do gênero folhetinesco:“(...) Quando Jaguaré e Fausto abraçaram os jogadores que partiam de volta à pátria todos se abraçaram e choraram.(...) Ninguém, aliás, podia resistir à cena, que era emocionante. Todos se comoveram.” (SILVA, 2006, 14)

Ao pautar uma agenda e um padrão mais amplo de notícias para os demais jornalistas que cobriam esportes, Mario Filho imprimiu nova dinâmica ao dia a dia dos esportes no Rio de Janeiro, o que chancelou sua posição pioneira no campo esportivo de então. Em 1936, o jornalista adquiriu o *Jornal dos Sports*, que se tornou um ícone do que Silva (2006, 98) classifica como “a virada de mesa do jornalismo esportivo”.

Para Hollanda (2012, 81), o *Jornal dos Sports* representou “a definitiva emancipação do jornalismo esportivo” e conformou o imaginário futebolístico, o que deu origem à formação de um novo público, de “milhares de leitores aficionados por esportes, notadamente pelo futebol, em todo o Brasil”.

E se desde o início do século os jornais já promoviam campanhas para incentivar torneios que rendessem notícias - como a Taça Correio da Manhã, em 1913, com jogadores do Rio e São Paulo, e a Taça *Salutaris*, em 1927, patrocinada pelo *Jornal do Brasil*, para “eleger o clube mais querido do Brasil” -, Mario Filho foi mentor da criação de diversos torneios. Muitos tinham projeção em diferentes segmentos sociais, como o Campeonato de Torcidas em 1936; o Torneio Rio-SP de clubes, em 1951; os Jogos Infantis, em 1947; e os Jogos da Primavera, em 1951.

A luta do jornalismo em prol de um futebol profissionalizado foi travada também por outros profissionais, dentre eles, Teixeira de Carvalho, do *Jornal do Commercio*; Carlos Alberto de Magalhães, da *Revista Olympia*; e José da Silva Rocha, de *A Noite* (COUTO, 2011).

Mas Mario Filho foi além, e tornou-se proeminente articulador político no processo de popularização do futebol, notadamente por sua influência direta na realização da Copa de 1950 no Brasil – quando intermediou contato das autoridades brasileiras com a Fifa. Em 1948, fez de seu jornal instrumento de campanha em prol da construção do Maracanã.

Couto se reporta ainda a “outros aspectos políticos de sua atuação”, citando um time de cronistas que integraram a redação do *Jornal dos Sports* nos decênios 1940 e 1950, como o jurista João Lyra Filho, convidado por Getúlio Vargas a ser o primeiro

presidente do Conselho Nacional de Desportos, e o romancista e torcedor rubro-negro José Lins do Rego que escreveu mais de 1500 crônicas no decênio 1940 até 1957, e também era um *paredro* – designação para cartola ou dirigente – tendo integrado os quadros do CND e da CBD. (COUTINHO, 1995).

Hollanda (2012) descreve que os *paredros* exerciam múltiplas funções simultâneas: “cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades esportivas, bacharéis, políticos e literatos”. Segundo Leite Lopes, no artigo *A Vitória do Futebol que incorporou a pelada* (1994), Mario Filho inaugurou com o Jornal dos Sports “uma nova maneira de fazer política” e seu jornal interferia, “de maneira muito sutil e muito própria”, no esporte brasileiro.

Silva (2006) destaca o outro vértice da militância do jornalista que, a partir da década de 1930, atuou em prol do rompimento do “monopólio interpretativo do cronista”, ao dar voz aos principais atores sociais do universo esportivo, principalmente por meio das entrevistas e depoimentos.

Para Silva, “rompendo estereótipos, subvertendo hierarquias e alterando escalas de valores” o novo estilo editorial, do qual Mario Filho foi um dos precursores, provocou o desequilíbrio das “forças que disputavam o controle simbólico do esporte mais popular do país” interferindo, para além da esfera jornalística, “no modo como o futebol era vivido e interpretado pela sociedade brasileira”. (SILVA, 2006, 140)

Outro marco na historiografia da imprensa esportiva foi a Copa do Mundo da França, em 1938 – quando o Brasil chegou à fase final e conquistou o terceiro lugar -, narrada ao vivo pela primeira vez por Gagliano Neto, da *Rádio Club do Brasil*, que transmitiu direto da França a competição, como relata Luisa Prochnik (2010).

A autora estabelece uma homologia entre a boa *performance* do Brasil e o enorme poder multiplicador das transmissões para destacar o papel de mediador da imprensa esportiva neste torneio, num contexto em que o futebol já era esporte de grande popularidade no país.

No artigo *Futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938*, o historiador Plínio Negreiros (1998) relaciona o surgimento de uma identidade futebolística nacional à Copa do Mundo de 1938. Segundo o autor, o torneio originou uma nação unida e disciplinada em torno de 22 jogadores, além da comissão técnica, dos dirigentes do futebol nacional, mais imprensa e torcedores.

Outro autor que relaciona o crescimento do jornalismo esportivo no país ao profissionalismo e à modernização do futebol é o jornalista e autor Maurício Stycer

(2008). Ele também considera, em seu livro *História do Lance!*, que 1938 é o marco do surgimento de uma cobertura ‘profissional’ de Copa do Mundo.

A imprensa consolidou sua função de mediadora durante a mesma Copa de 1938, quando *Diários Associados*, de Pernambuco, divulgou importante texto para a construção simbólica do futebol nacional, de Gilberto Freyre, chamado *Football Mulato*. No texto, o antropólogo comenta a respeito do que classifica um estilo brasileiro de jogar, mesclando mestiços, dança, e malandragem, antagonizando-o ao técnico futebol europeu.

“Além de um honroso terceiro lugar, o Brasil foi exaltado pelo “jogo vistoso” e pela figura de Leônidas da Silva, que foi o artilheiro e escolhido o craque do Mundial. Nascia aí a semente da construção “país do futebol”, da “pátria de chuteiras” (HELAL; CABO; SILVA, 2008, 9)

O estilo brasileiro de Freyre e o “jogo vistoso” citado pelos autores Ronaldo Helal, Álvaro do Cabo e Carmelo Silva (2008) no artigo *Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira* são homólogos. Os três pesquisadores sugerem que, a partir do texto de Freyre, a imprensa, mais do que informar os torcedores, teve papel determinante na aproximação definitiva dos brasileiros com o futebol.

Firmada a ideia de que os jogadores brasileiros, sobretudo os negros e mulatos estavam inventando um estilo particular de jogar o futebol, em que manifestavam características típicas da nossa identidade cultural, outro recorte na historiografia da imprensa esportiva ocorre em 1942, conforme anotam alguns autores.

Naquele ano, é lançada a coluna *Na Primeira Fila*, em *O Globo*, que Mario Filho alimentou por sete anos, onde narrou, na análise de Silva (2006), o longo processo de assimilação através do qual o futebol passou a ser concebido como expressão “amplamente reconhecida da identidade cultural brasileira”. Com texto leve e linguagem coloquial, o autor ressalta que aquela coluna “é considerada o marco da fixação do gênero crônístico do jornalismo esportivo brasileiro”.

Amador ou profissional, praticado nos campos de várzeas ou nos estádios, com bolas de meia ou de couro, por descamisados ou abastados, o futebol brasileiro teve na imprensa um potente porta-voz.

“A imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada e a prática também se tornou crescentemente valorizada porque foi noticiada pela imprensa. Nem só causa, nem só consequência: causa e consequência”. (MELO, 2012, 48)

2.O OFÍCIO DA PAIXÃO

“Segundo as regras, (...) o jornalista é destituído de subjetividade, não porque seja um ser pensante, não tenha desejo, mas porque não deve usar marcas lingüísticas que dêem conta destas suas possibilidades”.
(Fausto Neto, 1991: 40)

2.1. O espetáculo e seus atores

Por uma questão metodológica, e a fim de contextualizar o tema a ser abordado neste segundo capítulo, entendeu-se como necessário fazer uma revisão bibliográfica de alguns conceitos chave para a compreensão do conteúdo deste estudo. A revisão proposta busca apontar algumas relações interdisciplinares entre os dois campos de saber – futebol e imprensa. Objetiva-se também, com este breve mapeamento, contribuir para os estudos da mídia esportiva.

A teoria dos campos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983; 1990; 1996, 1999; 2000) leva-nos a estudar o futebol como um campo especializado da vida moderna. Um espaço de diferenciação social, organizado segundo regras e normas próprias, com autonomia relativa frente às esferas da política, da economia e da religião. O esporte-espetáculo, profissionalizado, constitui-se como um mundo separado e autônomo em relação ao esporte da prática do lazer e do entretenimento. O futebol foi uma das modalidades que com mais força se firmou mundialmente, tornando-se autônoma em relação a outras atividades lúdicas.

Bourdieu (1998) afirma que o atleta e sua *performance* integram um espetáculo produzido duas vezes. Trata-se de uma construção social em dois níveis: em primeira instância, estão os agentes esportivos diretamente envolvidos no desenvolvimento e na condução do jogo (atletas, juízes, comissões técnicas, organizadores e, para o autor, também o público presente ao estádio onde se realiza a partida); em segunda instância, a mídia produz o espetáculo – seja por rádio, jornal ou televisão.

Especialista em estudos de Jornalismo, o pesquisador Nelson Traquina (2005) ressalta que os meios de comunicação de massa – representados por seus jornalistas - possibilitam o circular da informação para o público, que quer ser informado por inúmeras razões, tanto para ficar a par dos últimos acontecimentos, como para ter assunto de discussão em seu meio social ou mesmo para saber das tragédias e sucessos de terceiros.

É essa comunidade de profissionais, narra o autor, que decide o que vai ser tornado público. Portanto, o ofício do jornalismo reveste-se de uma alta carga de responsabilidade. São os jornalistas que, tendo como ponto de partida um conjunto de acontecimentos, estabelecem o que é ou não notícia e a partir daí redigem o texto jornalístico.

Os jornalistas são como contadores de história na contemporaneidade (TRAQUINA, 2005). Os relatos jornalísticos são construídos partindo do real como referente. E formam opinião, o que significa que atuam ativamente na construção da realidade. No livro *Jornalismo Popular*, a pesquisadora Márcia Franz Amaral (2006) complementa:

“As notícias são como narrativas ou histórias marcadas pela cultura da sociedade em que estão inseridas. Os acontecimentos, para se transformarem em notícias e fazerem sentido para alguém, devem estar enquadrados no universo do público. Toda a notícia é uma narrativa, sejam notícias *hards* (importantes) ou *softs* (leves ou interessantes). Ambas são narrativas sobre a realidade e utilizam-se de diversos valores culturais para contar uma história. A forma como a notícia relata o fato muda conforme o público para quem o veículo é dirigido” (AMARAL, 2006, p. 70).

Para contextualizar a noção de mídia, Gastaldo (2002) remete-se ao termo mediar e cita os especialistas no assunto, Grossberg, Wartella e Whitney (1999, 2008), que assinalam quatro diferentes sentidos para este termo. Numa acepção, mais próxima do senso comum, “mediar” significa “ocupar uma posição intermediária” entre duas partes.

Na doutrina católica, o termo refere-se ao papel dos santos e da Virgem Maria junto a Deus, mediando (isto é, “intercedendo”) as demandas dos homens junto à divindade. Nas relações internacionais, “mediação” é o papel que deve desempenhar um diplomata na busca de uma solução de consenso entre duas partes em conflito.

“Uma segunda acepção contrasta o “mediado” com o “imediató” (ou seja, o “real”), como na diferença entre o “mundo da TV” e o “mundo real”. Um terceiro sentido de mediação compreende ambos os sentidos anteriores, entendendo a mediação como a operação cognitiva realizada entre o sujeito individual e a realidade, “um espaço feito de experiência, interpretação e significado”.(GASTALDO, 2002, 7)

Uma quarta acepção seria "a da relação formal necessária para se estabelecer um circuito de comunicação". Assim, uma definição complexa de mediação engloba todos estes sentidos para o autor. "Todos eles explicam uma parte da ação exercida pela mídia ao mediar o acesso à noção que constrói da realidade. A abordagem dos diferentes

esportes pela mídia é paradigmática desta noção de acesso mediado à realidade.” (GASTALDO, 2002, 8)

Fausto Neto (2002) enumera três grandes atores sociais do universo esportivo: os promotores (instituições e entidades esportivas públicas e privadas, como clubes, agências, atletas, etc.); os divulgadores (que são a mídia, inclusive a imprensa, que faz a veiculação e divulgação dos acontecimentos) e os consumidores (torcedores e público em geral, que assistem ao que é disponibilizado pelos meios de comunicação social).

Para Helal (2001), imprensa, espetáculo esportivo e público estão intrinsecamente ligados. É preciso enxergá-los sob o prisma da circularidade e não apenas sob a ótica da manipulação, já que “mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artista e audiência (...) coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra.” (2001, 151)

A jornalista e autora Viviane Borelli (2001, 2) afirma que a imprensa transforma os fatos esportivos em acontecimentos sociais para seu público leitor e "se apropria, isto é, mobiliza estratégias simbólicas singulares, da cena discursiva do fato para produzir sentidos.”

No entanto, cada veículo agenda seus temas de forma própria, destaca Borelli. E o que inicialmente era um fato único, como, por exemplo, uma partida de futebol, passa a ser um acontecimento múltiplo depois de divulgado na mídia, pois cada uma interpretará e abordará este fato de uma maneira distinta e, assim, produzirá o seu acontecimento singular, de acordo com estratégias próprias.

“Os eventos esportivos, como movimentos sociais, não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Assim, tomam-se os acontecimentos esportivos como fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a plateia, os dirigentes, os mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc.” (BORELLI, 2001, 3)

O pesquisador de futebol Luiz Henrique de Toledo (2002), que compartilha com os autores acima citados a ideia de mediador do profissional de imprensa, considera-os “especialistas”, isto é, aqueles que exercem a função de intérpretes. Toledo vê o esporte a partir da concepção de DaMatta (1982, 16), segundo a qual os jogos de futebol constituem “situações rituais.” Toledo recorta o campo esportivo em três categorias - agentes profissionais, especialistas e torcedores -, classificados em função das formas de atuação e participação de cada um no jogo.

Os profissionais interferem diretamente nos jogos (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores físicos, médicos etc.); os profissionais da mídia (comentaristas, locutores, repórteres) são os intérpretes dos jogos e mediadores autorizados entre o evento ritual e os torcedores. Esses últimos integram a terceira categoria e, mediados pela emoção, têm em comum o universo do futebol.

“Aí encontramos aqueles que sustentam e viabilizam a partida em si, os profissionais, aqueles que impõem a ela a circularidade da emoção, ou seja, o conjunto genérico de torcedores e, por sua vez, os especialistas, que procuram decodificar e ordenar para uma narrativa supostamente mais linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral.” (TOLEDO, 2002,17)

Enfatizando que o futebol é tema que transpõe para o cotidiano, mais do que seus acontecimentos, mas acima de tudo suas versões, ressalta que este esporte engendra um mecanismo simbólico poderoso e articula um vasto repertório de fatos. Muitas vezes, constata o autor, “sua eficácia reside nesta função de conetivo e na maneira como vincula certos acontecimentos da vida [...]” (TOLEDO, 2002, 267-268).

De uma forma geral, atualmente não se fala mais em acontecimento fora da mídia, enfatiza Borelli (2001, 4). Ao contrário, só há acontecimento se for público, se houver “uma oferta de sentidos, mediada pelos meios de comunicação, para a opinião pública.” Daí a expressão “acontecimento midiático”. Os fatos que ocorrem cotidianamente, mas que não são veiculados pela mídia, diz a autora, são considerados tão somente ocorrências e não acontecimentos.

O evento esportivo é apresentado na mídia de uma forma dinâmica, como numa sequência de cenas que se encaixam para formar uma totalidade. Assim, o acontecimento aparece como um somatório de acontecimentos “que convergem para um lugar comum, único, total.”(BORELLI, 2001, 4)

A cobertura do acontecimento esportivo apresenta-se no jornal para o leitor como um quebra-cabeças, onde os fatos vão sendo narrados, comentados e ‘mostrados’, através de todo o conjunto da página, da diagramação, que segue os padrões do projeto gráfico. A forma como os títulos, subtítulos, fotos, legendas, matérias principais e secundárias são apresentados, a disposição dos elementos na página, este todo é o acontecimento midiático, finaliza Borelli.

2.2 As mudanças no labor

Para a melhor compreensão da relação do jornalista com seu ofício, e por uma questão metodológica desta dissertação, destacaremos aqui alguns tópicos da Sociologia das Profissões, área específica da Sociologia que investiga a relação do indivíduo com o trabalho.

A inclusão do jornalista no meio profissional será abordada sob a percepção de sua força de trabalho como uma missão – engajamento vocacional, missão social - ou como negócio - engajamento profissional, venda da mão-de-obra no mercado de trabalho.

Inicialmente, é necessário relacionar vocação e labor. Especialista em Comunicação, Robson Dias (2012, 136) afirma que “a vocação, como uma propensão natural ou inata do indivíduo para uma profissão tem relação direta com a realização das tarefas de trabalho.”

O entendimento sobre o trabalho passou por mudanças no século XV, marcado pelo advento do Capitalismo. Esta transformação, institucionalizada durante a Reforma Protestante (século XV) e sedimentada com a Industrialização (século XVIII), rompeu com o paradigma medieval de que a vocação era uma “expressão do amor ao próximo”, que impunha, na divisão do trabalho, um “acordo mútuo entre os indivíduos de que trabalhassem uns pelos outros para suprir suas necessidades básicas.” (DIAS, 2012, 137)

Com a Reforma Protestante, o trabalho, não mais uma manifestação do amor ao próximo e um meio de subsistência, é alçado à condição de “instrumento de reverência à própria divindade por meio do exercício das aptidões dadas por Deus.” (DIAS, 2012, 137). Max Weber (1994, 53) entende que ser aceito por Deus seria uma decorrência do cumprimento das tarefas com competência, e que o trabalho de um indivíduo está inserido no rol de situações a ele impostas pela posição que ocupa no mundo.

A concepção de trabalho, durante o século XV até o século XVIII, estava imbricada à noção de missão ou sacerdócio. Só no período de industrialização o trabalho passou a ser vinculado aos meios de produção e desvinculado da ideia de ser parte do legado cristão. Também a Ciência Moderna, conforme Dias (2012), ancorada na lógica empirista, trouxe à tona o pensamento crítico do método científico. Nesse novo cenário, o trabalho foi inserido num contexto de sentido teórico/prático, desvinculando-se do aspecto estritamente confessional.

No fim do século XVIII, a burguesia industrial incorpora a ciência como prática social e econômica, unindo conhecimento aplicado e investimentos – o que levou, dentre outros, à segmentação pela universidade dos saberes específicos em campos, e “se impôs como ambiente de alta qualificação em formação profissional.” (DIAS, 2012, 139)

Neste momento em que a industrialização acarreta o aparecimento de áreas urbanas e os indivíduos passam a se reunir em diferentes grupamentos sociais, originando uma nova organização sociopolítica, a Sociedade de Massas (ORTEGA Y GASSET, 1992), as relações entre esses grupos começam a ser mediadas pela imprensa. A partir da Revolução Industrial, tanto na Europa como nos EUA, forma-se um amplo público alfabetizado, demandando informação e entretenimento, elevando as tiragens dos diários e a queda do preço do exemplar.

No século XIX a prática jornalística se descola das pretensões políticas, e os jornais, que até então se assemelhavam a panfletos políticos, passam a informar. Para Bourdieu (1997, 57), esse período marca o surgimento do "campo jornalístico". O conceito de campo aqui refere-se a um espaço social estruturado, um campo de forças – com dominantes e dominados, relações e tensões constantes, que se desenvolvem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar e conservar esse campo de forças. O autor divide essas forças em pólos econômico, ideológico e político.

Com as transformações no século XIX que impulsionaram o desenvolvimento do capitalismo e da tecnologia, a educação em massa, a industrialização e a urbanização, aumentou a capacidade de produção de jornais e paralelamente cresceu o mercado consumidor dos mesmos.

Como o novo jornalismo volta-se para fornecer informação e não mais propaganda política (TRAQUINA, 2008), há um enfraquecimento do pólo político e as tensões ocorrem então entre os pólos ideológico e econômico.

É neste cenário que o novo paradigma do jornalismo dá origem a um grupo de profissionais dedicados integralmente a essa função e, assim, consolida-se uma nova profissão: a de jornalista. No campo ideológico isso implica na formação de um conjunto de ideias inerentes à personalidade do jornalista e a incorporação na prática jornalística de valores como “a procura da verdade, a independência dos jornalistas, a

exatidão, e a noção do jornalismo como um serviço público (...)” (TRAQUINA, 2008, 34).

No pólo econômico está calcada a base comercial que fundamenta esse novo jornalismo, no qual os jornais são “encarados como um negócio que pode render lucros, apontando com objetivo fundamental o aumento das tiragens.” (TRAQUINA, 2008, 34)

Essa perspectiva comercial, segundo o autor, entra em conflito com as ideias ligadas à autonomia e à independência dos jornalistas, presentes no pólo ideológico. Além de criar espaço para discussões relacionadas à atuação da imprensa, que por interesse financeiro, poderia manipular informações que lhe beneficiassem.

Dias (2012) também discorre sobre a questão da identidade do profissional naquele momento histórico, e afirma que este incremento da atividade jornalística levou às metamorfoses ocorridas na identidade profissional e ética dos jornalistas.

“A imprensa, com a ascensão da burguesia industrial, tornou-se palco de luta ideológica e difusão dos ideais de livre comércio e produção. A presença da publicidade nos jornais instituiu uma função particular que obrigava a delimitação de uma zona de neutralidade, imparcialidade e objetividade nas publicações.”(DIAS, 2012,139)

Os sociólogos Armand Mattelart e Michele Mattelart (1999, 23-37) ressaltam que os países industrializados da Europa e América passaram a ter ascensão sobre os países em desenvolvimento no que diz respeito à estruturação das profissões. No Brasil, o tipo de jornalismo praticado adota um modelo híbrido, com características de dois paradigmas: o Jornalismo Opinativo (referencial europeu) e o Jornalismo Informativo (referencial americano).

A socióloga Margarethe Steinberger (2000) percebe como contraditórias as práticas adotadas a partir destes dois referenciais já que para os norte-americanos a imprensa é negócio, enquanto para os europeus é sacerdócio. Para a autora, muitos conflitos éticos no campo jornalístico são provenientes da falta de um meio termo entre os dois opostos.

O jornalista Maurício Stycer (2009), no livro *História do Lance!*, identifica, na metade do século XX, uma diferença entre os jornais de prestígio e os jornais populares, sendo os primeiros seguidores do modelo estadunidense por se basearem em dois pressupostos: liberdade de imprensa e objetividade. Já os 135 jornais populares em

circulação, “recorrem com frequência, e de forma desabrida, à emoção, quando não à omissão e à distorção, para descrever os fatos” (STYCER, 2009, 177).

Nos jornais de prestígio, segundo Stycer, há uma divisão de trabalho e os “cronistas” dão lugar a jornalistas que trabalham em uma editoria exercendo funções variadas como pauteiro, repórter, editor, mas sempre com o objetivo de informar (STYCER, 2009). A opinião fica por conta dos colunistas, que, segundo Toledo, citado por Stycer, podem “extravasar emoções, torcer, se quiserem, criticar e, também, informar (TOLEDO *apud* STYCER, 2009, 179).

Para a socióloga Carina Paccola (2003, 78), a década de 1950 registrou uma das mudanças mais marcantes no jornalismo brasileiro, inspirada e baseada no padrão de jornais norte-americanos. Ela reafirma ideia de Steinberger (2000) de que, enquanto os americanos reconhecem como *business* a tarefa de produzir um jornal diário, europeus e latino-americanos referem-se ao ofício como um sacerdócio.

Dias (2012) refere-se a um estereótipo de jornalista, construído pelo imaginário da sociedade a partir dessa noção do Jornalismo como sacerdócio:

“Fernando Pessoa escreveu num jornal que a religião e o Jornalismo são as únicas forças verdadeiras; o Jornalismo é um sacerdócio porque tem a influência religiosa de um sacerdote. Essa tradição do jornalista boêmio, criativo, altamente vocacionado e um tanto subversivo perdura até hoje no imaginário da sociedade, sendo elemento inspirador de crescentes contingentes de jovens que procuram a profissão”. (DIAS, 2012, 140)

A mudança no tipo de jornalismo praticado no Brasil narrada por Paccola (2003) teria enfraquecido a prática do Jornalismo Opinativo, modelo vigente até a adoção do método da objetividade – que introduziu a técnica do *lead*, termo utilizado pelos americanos, que significa conduzir, e determina que o texto jornalístico deve ser precedido de uma abertura padronizada, que se pretende uma síntese do acontecimento mais importante a ser relatado, e que em geral responde a seis perguntas: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?

Outra inovação do método objetivo, característico do chamado Jornalismo Informativo, foi a adoção da técnica da “pirâmide invertida”, onde as informações são apresentadas no texto de forma hierarquizada, de acordo com uma pressuposta ordem de importância dos fatos. A pirâmide invertida tem a base para cima, representando o que é de mais importante no início da notícia enquanto seu cume fica para baixo, sendo,

portanto, informação menos importante e que, por falta de tempo ou espaço, pode, com mais facilidade, ser cortada da matéria, sem prejuízo para o entendimento da audiência.

A utilização de tais técnicas para reportar acontecimentos ao público baseia-se na busca pela objetividade e imparcialidade, já que impõem ao jornalista uma maneira racional e padronizada de se relatar um fato, segundo ressalta a autora Luiza Prochnik (2010).

Esta mudança de paradigma do fazer jornalístico contribuiu para a consequente revolução empresarial na área, que fez da imprensa um negócio. No entanto, destaca Dias (2012), com esta transformação, instaurou-se uma crise de identidade desde que a imagem heroica do jornalista se viu massacrada pelas empresas: o profissional não é mais um militante do Jornalismo, mas alguém que trabalha num jornal.

A especialização do labor, a institucionalização da divisão do trabalho e a produção de notícias pela imprensa levaram o jornalismo, nos moldes que conhecemos hoje, a se consolidar como profissão. Conforme Dias (2012, 140), “o referencial do Jornalismo Literário - outra conceituação para o Jornalismo Opinativo - passou a ter status de amador e incompetente, em vista do referencial de Jornalismo Informativo, dito profissional e competente.”

O sociólogo Ricardo Mendes (1997,71) estabelece duas categorizações para caracterizar esses dois modelos. Antiprofissionais seriam os jornalistas dos tempos do Jornalismo Literário - ou Opinativo -, porque se recusavam a perceber que o jornalismo transformara-se num mercado noticioso com demandas e produtos próprios, e que a informação passara a ser padronizada.

Em contraposição, os profissionais que representam o Jornalismo Informativo se considerariam, segundo o autor, os únicos que poderiam pertencer à categoria de “profissional modelo”. Só os que se encaixassem neste padrão eram profissionais; os demais eram amadores.

A partir da adoção do método que privilegia a objetividade, na década de 1960, o jornalismo no Brasil passa a ser considerado profissão forte, segundo a tipologia instituída pelo autor Eliot Freidson (1996). Esta é calcada na tese de que os ofícios têm força no meio social quando integram duas variantes, como explica Mendes (1997). A primeira refere-se à capacidade de criar seus próprios problemas e ter o conhecimento abstrato para solucioná-los; a segunda trata da capacidade de monopolizar uma atividade especializada que é fruto da demanda da sociedade.

A força do jornalismo brasileiro, ancorada na institucionalização da atividade jornalística e na regulamentação da profissão, originou nos 1960 os primeiros planos de ensino dos cursos universitários de Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo), além de impulsionar a segmentação do mercado, o que se deu inclusive com a criação do registro profissional e a respectiva expedição de carteiras de trabalho.

Mas, embora tenha se tornado o modelo de jornalismo praticado majoritariamente no país, o Jornalismo Informativo não eliminou completamente a cultura profissional baseada no referencial de Jornalismo Opinativo. O jornalista Victor Folquening (2002) desenvolveu estudo com estudantes de Jornalismo sobre a visão deles acerca do ofício, no qual se constata na fala de uma entrevistada que, já nos cursos universitários, essa ambiguidade é transmitida aos alunos:

“Alguns professores que falam de ter emprego, de que o importante é saber fazer bem as coisas para encontrar um lugar no mercado de trabalho. Tem outros que parecem achar que o jornalismo é igual a uma igreja que vai salvar a humanidade, que a gente tem que saber tudo e entender de tudo para resolver os problemas do mundo inteiro.” (FOLQUENING, 2002, 138).

2.3 A narrativa da paixão

Mesmo diante dessas mudanças, o Jornalismo, mais do que profissão, é para muitos da imprensa, paixão. Dias (2012, 137) explica: “Quando se decide seguir essa profissão, é preciso ter consciência da sua importância... Jornalismo é paixão para aqueles que percebem o papel social da profissão. E exercer a profissão é acreditar na possibilidade de transformar o cotidiano de quem está à sua volta.”

Folquening (2002, 106) aponta para uma visão romântica, idealizada, do estudante ao escolher a carreira de Jornalismo, em detrimento da busca pela estabilidade financeira. Os estudantes, para ele, idealizam que através do Jornalismo participarão de forma ativa das transformações sociais demandadas pela sociedade. Desta forma terão acesso ao exercício de uma cidadania plena. Na condição de jornalista, o sujeito tem assim uma inserção cívica na sociedade.

Dias avança nesse aspecto e identifica no ofício do Jornalismo um *ethos* romântico, que perpassa a paixão e o envolvimento, e assume conotação de missão.

Dias comenta:

“Esse Ethos seria um conjunto de disposições, percepções e valorações que jornalistas têm de si e do mundo...O Ethos jornalístico resgata o comprometimento do sujeito (jornalista) e se dá em relação à profissão em si, que se confunde com uma missão a ser realizada.” (DIAS, 2012, 137)

O engajamento do jornalista em uma missão é, portanto, inerente ao *ethos* jornalístico, e a opção por uma profissão é uma escolha pessoal. Mas por outro lado esta subjetividade individual está associada a uma identidade profissional coletiva. O indivíduo adere então ao grupo profissional movido por um critério vocacional.

Recorrendo-se ao conceito de *habitus*, de Bourdieu (1998), para quem o ator social é definido por seus gostos e pelo seu estilo de vida, depreende-se que a opção pela atividade jornalística pode ser concebida como uma associação de subjetividades de cada indivíduo. Esta relação leva o indivíduo a uma espécie de adesão a uma identidade profissional.

Dias (2012) entende que o profissional se imbuí de uma identidade jornalística e de uma responsabilidade social, ao mesmo tempo em que reveste de *glamour* seu ofício.

“Sobre um palco onde a característica principal do texto encenado é a emoção, a imprensa lança mão do sensacionalismo, da tragédia cotidiana, da construção de uma agenda nacional, do debate comprometido, da denúncia; e investe-se da condição de porta-voz da insatisfação popular. Assim, estabelece um papel social e uma identidade para si, o que coloca a profissão com determinado status no conjunto das outras. Ainda na sua visão, existe uma necessidade e uma atração do glamour que a profissão exerce sobre os que nela trabalham. Ao lado da missão do ser jornalista, do fazer jornalismo, observa-se a emoção do mostrar-se jornalista.” (DIAS, 2012, 137)

Outra representação da identidade construída pelo jornalista, é a de intelectual, segundo aponta a especialista em Comunicação, Fernanda Lopes (2007,71). Por trás de uma excessiva valorização de seu papel de mediador que forma e educa está a presunção de que os jornalistas detêm mais informações, o que os leva a um conhecimento mais diversificado e a uma maior capacidade de reflexão crítica.

A historiadora Isabel Travancas (1993, 67) faz uma analogia entre Jornalismo e Medicina que, segundo afirma, é feita por jornalistas de todo o país: “a medicina, tida

como uma das mais nobres profissões , exige igualmente sacrifício e dedicação exclusiva”. Para a autora, os jornalistas mantêm uma relação diferenciada com o ofício , exclusiva daquela ocupação, que não é partilhada por outros profissionais.

A autora ressalta que , como os próprios médicos relataram , o jornalismo exige de seus “eleitos” uma adesão (*commitment*) – expressão cunhada pelo sociólogo norte-americano Howard Becker –, que significa um envolvimento e um engajamento incondicionais e de tamanha importância que impede muitas vezes que ele consiga equilibrar o exercício de suas atividades profissionais com outras atividades ou setores de suas vidas. (TRAVANCAS, 1993,13)

Por isso, define como passional o vínculo que tanto o médico quanto o jornalista estabelecem com seus ofícios , pois a opção pela profissão implica em um nível de adesão que torna indissociável a vida laboral da vida privada . “É como se a profissão , no caso do jornalismo , já se tornasse uma característica própria e , portanto, inseparável do seu eu”. (TRAVANCAS, 1993, 71)

Para entrarmos nas questões a serem abordadas nessa dissertação, concernentes ao objeto de estudo - a imprensa esportiva -, faz-se necessário, primeiramente, pontuar que a chamada imprensa esportiva, segundo Gastaldo (2001, 3), “pode ser caracterizada pela interpretação jornalística dos fatos relativos ao campo das práticas esportivas”.

O autor enfatiza que o futebol originalmente era “uma atividade para ser “praticada”. Ele tornou-se “com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, cada vez mais um “espetáculo” para ser “assistido”, visando a um consumo massificado.” (GASTALDO, 2001, 3). Gastaldo (2001) lembra que a imprensa, ao atribuir significados e, portanto, ser definidora da realidade - entendida como mundo exterior -, estabelece uma relação de poder com o público.

"Esta dimensão da circulação de poder presente no ato de comunicação é evidenciada por Bourdieu (1983) ao referir-se à constituição social da chamada "competência linguística" como uma instância de poder, o poder de "impor a recepção." (GASTALDO, 2001, 2)

Embora se intitule imprensa “esportiva” , no Brasil é o futebol o esporte que ganha mais espaço no noticiário esportivo e o que desperta maior interesse do público, afirma a pesquisadora Leda Costa (2010).

“No caso específico do futebol, mais do que a literatura, a imprensa foi – e continua a ser – o principal veículo a partir do qual esse esporte prolonga sua vida para além dos noventa minutos, adentrando em nosso

imaginário, em nossa conversa cotidiana , se perpetuando através de histórias e narrativas coletivamente compartilhadas.” (COSTA, 2010, 66)

Toledo (2002, 162) concebe a imprensa esportiva como importante “multiplicadora do jogo”. E dialoga com o autor Robert Dardenne (1999, 265), para quem de certa forma essa multiplicação se dá porque nela a informação vai além de suas “funções tradicionais de informar e explicar”, o que ocorre nas páginas esportivas.

A maior liberdade na construção da notícia, segundo a autora Cristina Souza (2005), no jornalismo esportivo brasileiro pode ser atribuída à especificidade de seu objeto principal que é o futebol – esporte em que a emoção ocupa um espaço simbólico privilegiado – e do perfil do público, composto por torcedores com expectativas de penetrar num universo de grandes acontecimentos.

Além disso, os fatos relacionados ao mundo esportivo podem ser enquadrados “na categoria de notícias brandas ou leves , que geram uma grande quantidade de histórias de interesse humano.” (SOUZA, 2005, 11)

O discurso da imprensa esportiva, descreve Gastaldo (2002, 1), está calcado em fatos do jogo, considerados “menores”, pois se opõem à “seriedade” da vida cotidiana , ao mundo do labor, da economia, da política. Os fatos esportivos pertencem à esfera do entretenimento, da diversão, daí uma hierarquização “secundária” em relação às demais editorias do jornalismo, e isto interfere no discursivo do jornalismo esportivo.

“A subjetividade do enunciador -jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente do que em outras editorias – um cronista esportivo “torcer” por um time em seu texto é muito menos problemático do que um editor de política “torcer” por um candidato ou partido , por exemplo. Inclusive, eventuais rasgos de passionalidade na definição da situação proposta por um jornalista esportivo são mesmo parte formadora deste gênero literário/jornalístico”. (GASTALDO, 2002, 1)

2.4 A folhetinização do futebol nas páginas

Nessa linha de pensamento , Leda Costa (2010) diz que a imprensa esportiva , para satisfazer as expectativas do público , oferece a este um “espetáculo de conteúdos dramatizados” (COSTA, 2010, 68). Interesses mercadológicos também contribuem para esta dramatização, segundo a autora , o que torna semelhantes muitos cadernos esportivos e antigos folhetins, que fizeram sucesso de público, no final do século XIX.

“Certamente nesse aspecto Walter Benjamin teceria críticas , porém talvez não negasse que a imprensa – especialmente a esportiva – é um bom exemplo de como a arte de narrar adquiriu novos significados, mas não se extinguiu como ele imaginava.”(COSTA, 2010, 66)

O jornalismo de um modo geral , na visão da autora , se utiliza de estratégias narrativas adotadas inclusive como forma de dar legitimidade ao próprio jornalista como sujeito com credibilidade para mediar - interpretar e descrever - a realidade.

Nesta perspectiva, o texto jornalístico incorpora “valores de criação discursiva” (ARNT, 2007, 158), o que significa para Costa que a narrativa é determinante na composição de notícias e relatos veiculados pela imprensa . A autora levanta a hipótese de que, no caso do jornalismo esportivo no Brasil, “essa criação discursiva se ancora em estruturas narrativas próximas ao melodrama e ao folhetim.” (COSTA, 2010, 66).

Partindo da concepção de que “o jornalismo pode lançar mão de estratégias narrativas próprias da ficção , mais especificamente do gênero melodramático e de seus aparentados, como o folhetim”, a autora constata que expressiva fatia das reportagens esportivas no Brasil folhetiniza a informação e demonstra preocupação com os efeitos sobre o leitor.

Pesquisadora de Comunicação Semiótica, Ana Maria Lanza (2008) define esta folhetinização:

“Folhetinizar a notícia ou a informação significa contar fatos do cotidiano privilegiando aspectos como : o exagero nas expressões de sentimentos, temas e conflitos, característicos ao melodrama, acrescidos da estrutura digamos atualizadas do folhetim , isto é, fragmentação do texto, um certo suspense , frases simples , pessoas que se tornam personagens, imagens que direcionam o olhar do receptor e facilitam a compreensão da notícia, tudo numa mescla de códigos , vinculada a um processo de identificação e onde o imaginário prevalece.” (LANZA, 2008,89)

Costa (2010) reforça que a folhetinização da notícia é um processo em que informação e imaginação se unem para cativar a massa leitora . Imaginação melodramática (BROOKS, 1995), “pois que marcada pelo exagero , por lugares-comuns e conteúdos eivados de convencionalismo próprios para alcançar um público massivo .” (COSTA, 2010, 68)

A discussão sobre a utilização de um determinado estilo de linguagem para atrair o público nos remete novamente à reflexão de Gastaldo (2001), a partir do pensamento

de Bourdieu (1983) sobre a "competência linguística" como afirmação de poder. (GASTALDO, 2001, 2)

Numa outra clivagem, o jornalista Heródoto Barbeiro (2006) chama a atenção para que se tente equilibrar emoção com isenção por parte de quem as relata. A lógica de seu raciocínio é: se entretenimento e informação estão mais próximos do que nas demais áreas do jornalismo, deve haver atenção maior para a emoção estar “na dose certa e sempre ser recheada de isenção” (BARBEIRO, 2006, 46).

Costa (2010) entende que, ao contrário desse equilíbrio proposto, a emoção é componente central da construção da notícia esportiva. “Os jogos são convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata.” (COSTA, 2010,72).

Insistindo que o “papel da ‘emoção’ nas narrativas sobre esportes deve ser limitado, e ainda que reconheçam que a emoção é a ‘alma do esporte’” (2006, p. 45), Barbeiro e Rangel afirmam:

“Não se pode confundir com a paixão, que cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo. A paixão emperra a apuração, incentiva a notícia sem acurácia, atrapalha a busca contínua da isenção e da ética.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p 22)

Para acrescentar mais elementos à reflexão sobre essa questão, cita a categorização do filósofo e linguista Patrick Charaudeau (1983), em *Langage et Discours – éléments de semiolinguistique*, para quem o discurso jornalístico estabelece dois “contratos enunciativos”:

“...um “contrato de autenticidade”, segundo o qual os eventos relatados devem ser “fiéis” à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser “objetivas”) e um “contrato de seriedade”, uma espécie de “contrato moral” que liga o “sujeito informador” (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações... Assim, tornam-se desprovidos de subjetividade. É a assim chamada “neutralidade jornalística”. (GASTALDO, 2001, 2)

Gastaldo joga luz na discussão sobre a busca pela isenção em contraposição à centralidade da emoção no discurso jornalístico, reportando-se a Fausto Neto (1991), que critica essa negação da subjetividade do enunciadador.

“Segundo as regras (...), o jornalista é destituído de subjetividade, não porque seja um ser pensante, não tenha desejo, mas porque não deve usar marcas lingüísticas que dêem conta destas suas possibilidades”. (Fausto Neto, 1991, 40)

3. MEMÓRIAS DE QUEM CONSTROI MEMÓRIAS

3.1- Entrevista e fontes orais

Como o futebol é visto por quem conta o futebol? Que esporte é esse, que perpassa toda a formação social e cultural dos profissionais que constroem a sua memória? O que leva milhares deles a escolherem o jornalismo esportivo como profissão? Que comunidade de profissionais é essa, que associa labor a prazer e paixão? Como é escrever profissionalmente sobre futebol quando ele é um objeto de paixão pessoal? Até que ponto a identificação com o objeto interfere na construção do texto jornalístico?

Tais questionamentos estão presentes no dia a dia da imprensa esportiva e vêm despertando cada vez maior interesse entre estudiosos e pesquisadores tanto de futebol quanto de imprensa.

A fim de analisar a relação dos repórteres esportivos com o seu ofício e com o universo do futebol, objeto dessa dissertação, optou-se pela realização de entrevistas de história oral temática com seis desses profissionais. Cabe ressaltar aqui a dupla funcionalidade da História Oral: é uma metodologia, mas também uma fonte, criada para suprir a carência de registros escritos em uma dada categoria social ou profissional.

Conforme destaca a historiadora Verena Alberti (2010), as fontes orais nos permitem conhecer e registrar as formas de vida e escolhas dos diversos grupos sociais. Levando-se também em conta que os registros orais são suportes de memória coletiva e que a imprensa é guardiã desta, pareceu-nos adequada a ideia de transformar esses contadores de histórias alheias em protagonistas de suas próprias narrativas. Que muito devem contribuir para a formação de um acervo sobre os que constroem as memórias do futebol.

De fato a utilização dessa metodologia nos levou a constatar na prática como a História Oral viabiliza o estudo de formas de socialização e de trajetórias de indivíduos e de grupos de diferentes profissões. Tal característica metodológica coloca-a inclusive em sintonia com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, “que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado”. (ALBERTI, 2010, 166)

Por possibilitarem a construção de uma história das memórias, as entrevistas de história oral, quer seja a temática – onde já no roteiro da entrevista delimita-se os temas a serem abordados - ou de vida – que se apoia em histórias de vida e privilegia o

fluxo narrativo do entrevistado - , tornam-se eficazes ferramentas de estudo na abordagem da relação indivíduo-sociedade.

“A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo.” (ALBERTI, 2010, 167)

Assim, a entrevista de história oral de vida é também documento de caráter biográfico, prossegue a autora, “do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais.” Esse entendimento da entrevista como documento imbrica-se à ideia do indivíduo como valor.

“O indivíduo único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo, e o pesquisador que opta por trabalhar com a História oral deve ter consciência de que está lidando com uma fonte que reforça esses valores.” (ALBERTI, 2010, 167)

Alberti dialoga com o pensamento de Bourdieu e a noção de "ilusão biográfica", isto é, *a unidade do eu* é uma abstração, já que “compreende a ideia de uma identidade coerente; de um todo, com projetos e intenções... O nome próprio, a individualidade biológica e a assinatura asseguram a constância e alimentam a ilusão de unidade, quando, na verdade, o *eu* é fracionado e múltiplo. (ALBERTI, 2010, 167)

Cabe ainda destacar que os critérios para análise do resultado da pesquisa foram qualitativos, já que o objeto de investigação aqui proposto é o significado e o sentido do ofício e do futebol para os entrevistados. Por isto, os depoentes foram tomados aqui como unidades qualitativas e não como elementos estatísticos.

Conforme o universo delimitado para esta dissertação, faz-se necessário esclarecer que esses profissionais têm sua trajetória de atuação marcadamente na editoria de esportes em periódicos do Rio de Janeiro. Todos exercem ou exerceram a função de repórter esportivo - cinco ainda em atividade e um aposentado.

A opção por entrevistar repórteres esportivos se deu não só a partir da necessidade, do ponto de vista metodológico, de se estabelecer um recorte para a investigação do objeto de estudo proposto nesta dissertação. A escolha por esta

categoria profissional, o repórter, foi motivada, sobretudo, pela possibilidade de contribuir para o estudo do jornalismo esportivo contemporâneo.

Na divisão do trabalho das empresas jornalísticas, ao contrário do cronista, do articulista ou do comentarista esportivo, o repórter esportivo tem como objeto a notícia – e não a crônica –, para a construção da narrativa, que obedece às normas e regras do texto jornalístico. Isto não ocorre com a crônica, o artigo ou a coluna esportivos, onde o autor não é necessariamente jornalista.

A escolha da imprensa escrita deve-se ao fato de ser a primeira, dentre os meios de comunicação de massa, a difundir os rituais, tradições, símbolos e narrativas sobre o futebol brasileiro e, por extensão, sobre a identidade nacional. Também optou-se pela demarcação geográfica do *locus* das entrevistas, todas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, por uma questão de disponibilidade de equipamentos, equipes e recursos financeiros.

De uma relação inicial de oito profissionais, com previsão inicial de realização de cinco entrevistas, seis jornalistas colocaram-se imediatamente à disposição quando foram contatados e confirmaram disponibilidade de agenda entre o final do mês de novembro de 2013 e a primeira semana de dezembro de 2013 – período em que tínhamos equipamento e equipe disponíveis para as gravações. Assim, ao invés das cinco entrevistas previstas anteriormente, o universo da pesquisa foi ampliado para seis depoimentos orais.

Os critérios adotados para a composição da relação inicial de potenciais entrevistados foram a credibilidade e a notoriedade - aqui entendida como atributo que lhes confere autoridade e legitimidade públicas para dar seus depoimentos sobre o ofício - desses seis profissionais no próprio meio do jornalismo esportivo. O que se pode constatar inclusive por seus respectivos históricos profissionais, abaixo relacionados de acordo com a ordem cronológica da realização das entrevistas.

1 – Jornalista Michel Castellar – Nasceu em Paracambi, no Rio de Janeiro, no dia 11 de abril de 1974. Formou-se em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, em 2000, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). No jornalismo impresso, iniciou sua carreira também em 2000, no jornal "O Estado de S. Paulo", onde permaneceu como repórter até agosto de 2007. Em setembro do mesmo ano, transferiu-se para o diário esportivo LANCE!, onde permanece até hoje como repórter. Participou das coberturas da Copa das Confederações no Brasil (2013); dos

Jogos Sul-Americanos Rio-2002 e de Medellín-2010; dos Jogos Pan-Americanos Rio-2007 e de Guadalajara-2011; dos Jogos Olímpicos de Verão de Londres-2012, além dos Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi-2014.

2-Jornalista Sílvio Barsetti - Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 21 de maio de 1965. Formou-se em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em 1988 pela Faculdade de Comunicação Hélio Alonso (FACHA). No jornalismo impresso, trabalhou como repórter, no Rio de Janeiro, no Jornal dos Sports (1988/89/1990), Jornal do Brasil (1990/1991 - Esportes), O Dia (1991 - Cultura e Entretenimento), O Estado de S. Paulo (1992 - Esportes e Política), Jornal do Brasil (1993/1994 - Cultura - Caderno B), O Dia (1994/95/1996 - Geral e Esportes) e O Estado de S. Paulo (1996/1997/1998 - Cidades e Geral) e desde 1998 ingressou na editoria de Esportes deste jornal, onde ocupa o cargo de editor-assistente desde 2008. Cobriu as Copas do Mundo da Itália (1990), Japão e Coreia do Sul (2002) e África do Sul (2010): a Copa das Confederações, no Japão e Coreia do Sul (2001) e na África do Sul (2009). Cobriu ainda os Jogos Olímpicos de 2000 (Sydney, na Austrália) e de 2012 (Londres, na Inglaterra), e cinco edições da Copa América (Brasil, Paraguai, Peru, Venezuela e Argentina). Fora da cobertura esportiva, cobriu o processo de impeachment do ex-presidente da República, Fernando Collor de Mello (1992).

3-Jornalista Claudio Portella- Nasceu no Rio de Janeiro no dia 22 de março de 1986. Formou-se em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em 2010 pela UniverCidade. Ingressou no jornalismo como estagiário do jornal Lance em 2008 e em 2010 foi contratado como repórter. Em 2013 foi contratado como produtor de jornalismo no canal de televisão FoxSport. É autor do blog Sem Firula, sobre bastidores de futebol.

4-Jornalista Marluci Martins - Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro de 1967. Formou-se em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em 1988 pela Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). No jornalismo impresso, trabalhou por 23 anos, de 1988 a 2011, na editoria de esportes do jornal O Dia, no Rio de Janeiro, onde foi estagiária, repórter, coordenadora de reportagem, colunista e blogueira. Cobriu as Copas do Mundo de 1994 (Estados Unidos), 1998 (França), 2006 (Alemanha) e 2010 (África do Sul). Na televisão, foi comentarista do programa Redação Sportv, de 2004 a 2010. Atualmente, é editora-assistente do suplemento de Esportes do Jornal Extra, no

qual assina também a coluna Extracampo, publicada às quintas-feiras. Na internet, é responsável pelo blog Extracampo no site extra.globo.com.

5-Jornalista Ricardo Gonzalez - Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 15 de janeiro de 1965. Formou-se em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em 1987 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-graduação em Docência em Ensino Superior, em 2011, pelo Instituto A Vez do Mestre (IAV), da Faculdade Cândido Mendes. No jornalismo impresso, trabalhou como repórter em O Globo (1988), Jornal do Brasil (de 1988 a 1992 e de 1993 a 1996), Folha de S. Paulo (1992) e O Dia (de 1996 a 2000), e como editor e editor executivo em O Dia (2000 a 2004), Lance! (2004), e Jornal do Brasil (de 2008 a 2010). Na internet, foi editor do site GloboEsporte.com (de 2005 a 2007). Trabalhou como gerente de Operações de Imprensa nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Cobriu as Copas do Mundo de 1994 (Estados Unidos), 1998 (França) e 2006 (Alemanha), Copa das Confederações 1997 (Arábia Saudita) e Copa América de 1989 (Brasil) e 1999 (Paraguai). Como escritor, publicou "Formando Equipes Vencedoras", em 2006, com Carlos Alberto Parreira, pela Editora Record, e lança o segundo livro, "Nem a morte nos separa", em 2014, pela Editora Mauad. Desde 2010 é editor-sênior de texto do canal Sportv.

6-Jornalista Carlos Lemos – Nasceu em 28 de agosto de 1929, no Rio de Janeiro, filho de Maria José Lemos Leite da Luz e de José Leite da Luz. Estudou no Colégio Santo Inácio, Comunicação Social – habilitação em Jornalismo na PUC-Rio (incompleto) e Direito na UFRJ (incompleto). Começou no jornalismo na Tribuna da Imprensa em 1967. De lá, foi para o Jornal do Brasil, onde iniciou como repórter e foi chefe de reportagem, chefe do esporte, chefe de redação. Fez curso de televisão em Londres quando o JB queria fazer uma televisão, fez curso de edição na Columbia University, em Nova York. Como o Jornal do Brasil desistiu de fazer a televisão, foi dirigir o Sistema de Rádio da empresa. Criou a Rádio Cidade, um dos maiores sucessos da comunicação brasileira. Este sucesso fez com que o Dr. Roberto Marinho o convidasse a dirigir o Sistema Globo de Rádio. Depois de muitas negociações, foi. Após três anos, foi para o Jornal O Globo, onde ficou um mês como subchefe da redação. Em seguida, foi enviado a Brasília para dirigir a sucursal e cobrir a posse do então presidente da República, Tancredo Neves. Ficou cinco anos como Diretor da Sucursal de O Globo em Brasília. Voltou ao Rio e dirigiu a agência de notícias O Globo. Em 1998, foi convidado a ser Diretor de Comunicações da CBF. Trabalhou com os técnicos

Wanderley Luxemburgo, Emerson Leão e Luiz Felipe Scolari. Lecionou no curso de Pós-Graduação em Jornalismo da UniverCidade. Ganhou, entre outros, o Prêmio Esso de Reportagem. Durante os últimos cinco anos, atuou como assessor da presidência na TV Brasil.

As entrevistas foram realizadas durante a última semana de novembro e a primeira semana de dezembro de 2013, na unidade Ipanema da UniverCidade, à Avenida Epitácio Pessoa, 1644, bairro Ipanema, Rio de Janeiro. Todas as entrevistas foram gravadas e filmadas com câmera Sony PD 170, formato da imagem: DV NTSC 480x720 (16:9) / 29.97 fps e áudio: 48KHz, pela estagiária de VT e estudante de Jornalismo Paula Oliveira Santos, sob supervisão do então chefe do Laboratório de Produção Televisiva – LPT - da UniverCidade, Bernardo Combacau Duarte.

Vale ressaltar que este trabalho foi o último realizado pela equipe do LPT da UniverCidade, que logo após o final das gravações das entrevistas, fechou as portas em decorrência de uma séria crise financeira e acadêmica – o que a levou a ser descredenciada pelo Ministério da Educação em janeiro de 2014.

Das seis entrevistas realizadas, somente a do jornalista Carlos Lemos, octogenário, a seu pedido, foi feita em sua casa, à Avenida Borges de Medeiros, bairro Lagoa, Rio de Janeiro. A equipe formada pela jornalista Ana Lúcia Rangel, pela estagiária Paula Oliveira e pelo chefe do LPT Bernardo Duarte, se deslocou na manhã do dia 6 de dezembro de 2013 até sua residência para realizar a gravação.

Para melhor organizar a abordagem do tema, optou-se por segmentar em cinco questões centrais o roteiro das entrevistas, apresentadas em forma de pergunta para os entrevistados: 1- Como o senhor vê a relação entre futebol e sociedade brasileira? 2- Qual a sua relação com o futebol? 3- Quais as principais características do jornalismo esportivo? 4- Quais as principais características do texto no jornalismo esportivo impresso? 5- Que valores imbuem o repórter esportivo ao escrever sobre futebol?

Para melhor sistematização da análise qualitativa das entrevistas, e por sugestão dos orientadores dessa dissertação, os resultados foram agrupados em quatro temas, a seguir.

3.1. Infância e socialização futebolística – a família, a escola e o lazer

Um artigo de primeira necessidade. Um assunto de estado. Uma religião. Um produto tipicamente brasileiro. O esporte "nacional".

A primeira questão que se destaca na análise das entrevistas é o fato de todos os seis repórteres entrevistados perceberem o futebol como importante fator de formação social e cultural brasileira nos últimos 120 anos. Nesses primeiros depoimentos, predominou o tom veemente dos entrevistados, todos demonstrando convicção e firmeza ao responder sobre futebol e sociedade brasileira.

As respostas assumem um cunho testemunhal e é unânime o entendimento de que, muito além do caráter lúdico, o futebol é prática social e cultural incorporada ao cotidiano do brasileiro. Aqui revela-se a noção do futebol como um campo autônomo, composto por forças relativamente independentes e antagônicas envolvidas em tensões, como destaca Bourdieu (1998).

O entendimento damattiano sobre esporte e sociedade imbricados pode ser constatado nas assertivas abaixo:

“O futebol brasileiro é um artigo de primeira necessidade, é assunto de Estado, na minha visão. Interfere inconscientemente na vida das pessoas, no estado de ânimo das pessoas. Isso está muito enraizado desde que a pessoa nasce. O clube substitui até a noção de pátria, a pessoa é capaz de lutar para defender seu clube de coração e talvez desertasse numa guerra para defender o país. Tem importância fundamental para o país. Eu não conseguiria imaginar o Brasil como nação sem o futebol.” (Ricardo Gonzalez)

Castellar vai além:

“Essa identificação existe porque o futebol culturalmente faz parte da sociedade brasileira; nos Estados Unidos é com o basquete, basebol, e futebol americano; na Austrália, com o rúgbi. No Brasil você tem essa identificação cultural, no futebol existe uma cultura, uma cultura que já está interligada, permeada por toda a sociedade brasileira. Cultura que faz com que desde as classes menos privilegiadas até a mais privilegiada, toda pessoa tenha o seu time de futebol, torça para o seu clube, e de certa maneira vivencie a seu modo essa paixão que é o futebol”. (Michel Castellar)

Barsetti concorda e afirma:

“Quase toda criança tem duas bolas no quintal, alguém faz uma baliza e no fim de semana brinca com primos, há todo um ambiente. Se você tirar a imprensa toda e até as redes sociais, a criança vai continuar a crescer e se desenvolver sob uma cultura de futebol.” (Silvio Barsetti)

Na mesma linha de pensamento, Portella, Martins e Lemos ressaltam o aspecto da “brasilidade”. Portella afirma:

“Futebol é uma paixão, a gente costuma dizer que o esporte número um no Brasil é o vôlei ou o basquete, porque o futebol é mesmo uma religião... Acho que é uma paixão nacional, mais do que o samba. É a minha paixão, é a paixão do brasileiro.” (Claudio Portella)

Martins enfatiza a identificação do brasileiro com o futebol:

“A gente vê que é um produto tipicamente brasileiro. No futebol, ao contrário de outros esportes, você demarca um gol com seu tênis, junta um monte de gente e joga, não precisa de mais nada. A identificação do brasileiro com o futebol vem daí. Veja a facilidade de se fazer uma bola, com meia, saco plástico, com jornal - eu na infância já joguei muito com bola de saco plástico.” (Marluci Martins)

Lemos dialoga com essa ideia:

“Esporte nacional, todo brasileiro tem time. É raro no Brasil quem não gosta de futebol. É uma relação muito grande. Não chegamos mais a ver na seleção “a pátria de chuteiras”, isso já passou, mas essa relação é muito forte.” (Carlos Lemos)

A visão de que o imaginário futebolístico nacional exerce influência determinante na nossa cultura leva os entrevistados a equiparar a importância da filiação futebolística no Brasil à da família e à da comunidade de origem ou religiosa, indo ao encontro do pensamento de Helal (1998). Segundo o autor, embora sejamos “livres”, desde criança, para escolher nosso time, contraditoriamente essa escolha acaba tendo como referência as preferências clubísticas da família e dos amigos da criança.

Os dois depoimentos abaixo corroboram com essa naturalização do gosto pelo futebol, ante um fenômeno que, em contrapartida, é adquirido, incorporado, aprendido e apreendido.

“No Brasil, isso vem de berço. É comum quando nasce um bebê, que o primeiro presente seja a camisa de um clube. A criança vai crescendo e é quase que uma obrigação ter uma escolha. Ao virar adolescente, na escola, depois mais tarde na faculdade, em geral passa até a ser excluído se não torcer por nenhum time de futebol”. (Silvio Barsetti)

“É o primeiro esporte com o qual a criança tem contato, e isso é muito curioso, a primeira coisa que a mãe ou o pai dá para o filho é o uniforme do seu time de futebol, se for menino ganha uniforme e bola, menina ganha uniforme, ali é um ritual, quando ganha o uniforme é o ritual de entrada da criança no futebol.” (Michel Castellar)

Também no que diz respeito à identificação com o futebol constata-se que há um consenso entre os entrevistados: os repórteres se colocam na posição de atores do universo futebolístico não somente como profissionais, mas como indivíduos que

mantém relação identitária, ativa e construtiva, com o esporte. As narrativas trazem lembranças emocionadas de histórias familiares em torno do futebol, muitas evocando gerações anteriores e trazendo à tona a memória de tempos passados.

O vínculo com o esporte tem origem na infância e na família para a maioria. Nesta etapa da vida desses profissionais, ao mesmo tempo em que se constitui em atividade de lazer e entretenimento, está presente e incorporado à cultura familiar. A atividade assume algumas vezes caráter hereditário – vale destacar que cinco entrevistados atribuem à figura paterna seu vínculo com o futebol.

“Antes de nascer eu já gostava de futebol, nunca joguei, meu pai gostava, me levava. Na estreia do Maracanã, em 1950, eu vi, estava lá na final daquela Copa do Mundo com meu pai.” (Carlos Lemos)

A história de Gonzalez tipifica a situação de milhares de imigrantes que, ao chegar ao Brasil, se encantaram com o futebol:

“Minha relação com o futebol vem de casa, meu pai, imigrante espanhol, chegou ao Brasil na semana de um clássico, Vasco x Flamengo, em 1952. Ele ficou extasiado com o clima, botou terno, foi ao Maracanã e se apaixonou pelo Flamengo. Fui ao Maracanã aos 8 anos e a partir dali, com 10, 12 anos comecei a frequentar todos os jogos do Flamengo, e via, também, Fluminense, Vasco. A partir dali virou uma paixão.”(Ricardo Gonzalez)

Barsetti se aprofunda na questão da patrilinearidade:

“Minha relação com o futebol é quase que hereditária: dos avós para os pais, dos pais para os filhos. Lá em casa o futebol parecia um complemento semanal: escola e futebol. Tinha atividades de lazer, um aniversário, uma pescaria, um passeio, mas sempre tinha o futebol. E depois mais tarde, com a transmissão pela televisão, essa cultura ficou mais forte... Por força da minha profissão, conheci praticamente o Brasil inteiro e não vi nada muito diferente disso”. (Silvio Barsetti)

Assim como Castellar:

“Minha relação com o esporte vem de criança, meu pai todo domingo comprava o jornal e eu sempre lia a parte de quadrinhos e de esportes, e domingo era dia de ficar na TV vendo esportes. Meu pai gostava muito de esportes em geral, vôlei, automobilismo, via tudo. Aos domingos, a TV Bandeirantes transmitia esporte o dia todo; e o rádio também, os programas esportivos, a relação com o rádio era maior, porque a maioria dos jogos era no rádio, uma vez ou outra passava na TV, ainda mais em Paracambi, no interior do estado do Rio, onde eu morava. Embora eu gostasse de todos os esportes, futebol era o carro chefe”. (Michel Castellar)

Martins também evoca a figura paterna:

“Meu pai era torcedor do Fluminense, mas nunca me levou ao estádio. Meu vizinho me levava, eu já gostava de futebol. Eu via meu pai

ouvindo no rádio e vendo na televisão, eu via com ele, eu gostava de futebol.” (Marluci Martins)

Constata-se aqui a "herança esportiva" e a patrilinearidade como um legado da cultura familiar desses profissionais, que herdaram dos pais o amor pelo futebol e, por extensão, ao clube e ao país.

Jornalismo é vocação? Para os participantes da pesquisa, sim. Vocação que se revela por meio de uma identificação, descoberta algumas vezes por um professor, um colega. As lembranças do passado são novamente trazidas à tona pelos entrevistados ao narrar sobre a escolha da profissão. Personagens e objetos da infância e juventude são resgatados. A relação com o ofício está diretamente vinculada à noção de vocação no sentido de missão, calcada nas habilidades e competências – originários do “dom” religioso (DIAS, 2012). Uma das formas de manifestação desse dom é o domínio da língua escrita, segundo os pesquisados:

“Eu estava no primeiro ano do ensino médio e a professora de português aplicou uma prova em que a média da turma foi muito baixa, mas eu tirei 9,5. Ali comecei a pensar em jornalismo de maneira mais séria. Eu me identificava com a profissão, na minha cabeça essa identificação estava ligada à habilidade na matéria. Decidi enveredar pelo caminho da profissão e aí que eu descobri a paixão. Eu precisei provar para saber que era isso que eu queria”. (Michel Castellar)

Assim como Portella:

“Sempre quis fazer jornalismo porque gosto muito de escrever. Sempre, desde pequeno eu queria muito ser escritor ou jogador de futebol. E até tentei ser jogador de futebol. Também queria ser jornalista, sempre gostei de escrever e para ser bom jornalista tem que escrever bem. Então eu pensei em unir essas duas paixões: trabalhar com jornalismo esportivo, dentro do esporte, escrevendo.” (Claudio Portella)

Também para Gonzalez a habilidade com a linguagem escrita o atraiu para o jornalismo:

“Quando estava no terceiro ano do ensino médio eu tinha que optar por alguma carreira e uma colega de turma, hoje editora em O Globo, Valquíria Daher, me incentivou a fazer Jornalismo, alegando que eu escrevia bem. Aí naquela hora eu decidi.” (Ricardo Gonzalez)

Martins vivenciou processo semelhante:

“Eu admirava a jornalista da TV Globo Isabela Scalabrini, e gostava de jornalismo, eu escrevia bem. Achei que tinha que trabalhar com jornalismo, tive uma professora de português que me incentivou. Me identifiquei com a Isabela Scalabrini, ela fazia o que eu queria fazer, mas eu queria trabalhar em jornal, não na televisão.” (Marluci Martins)

Único dentre os entrevistados que já trabalhava antes de optar pelo Jornalismo, Lemos vislumbrou a ampliação de sua formação cultural:

“Por volta de 1957 eu trabalhava na Fundação Getulio Vargas e fiz vestibular de Direito, passei, mas li no jornal anúncio sobre vestibular para o curso de Jornalismo. Achei que era um bom curso de cultura geral. Minha turma tinha 12, 14 alunos, eu estudava na Puc-Rio. Aí fui camelô, de noite fazia faculdade, alternando Direito e Jornalismo, ambos cursos noturno.” (Carlos Lemos)

Neste trecho do relato de Carlos Lemos, merece registro um depoimento sobre a questão do estágio. Há seis décadas, já se adotava nas redações a prática - ainda corrente nos dias de hoje - de utilizar o estagiário para atuar como repórter, o que “barateia” os custos da empresa com pessoal, como foi o caso desse jornalista. Para ele, a relação trabalhista com o ofício iniciou-se de forma conflitante. Registra-se aqui uma relação de interesse com a profissão, entendida como emprego, como meio de sobrevivência.

“Foi a segunda turma de jornalistas do RJ – tinha aula prática, eu era o melhor aluno, aí um dos professores trabalhava no jornal Tribuna da Imprensa, aliás dois professores eram de lá e me chamaram para estagiar lá. Fui, mas como não me pagavam, um dia eu disse que não ia mais, aí me contrataram” (Carlos Lemos).

No entanto, a maioria dos relatos, conforme visto acima, atribui à vocação um indício da identificação do sujeito com o jornalismo.

3.2 O indivíduo e o profissional, o labor e a vida privada

Eles assistem aos jogos de futebol, escrevem sobre futebol, trabalham com colegas que acompanham jogos de futebol e que escrevem sobre futebol. A paixão pelo ofício e pelo esporte são valores cultivados pelo indivíduo-repórter que opta por atuar na área de esportes.

Nesse processo de identificação, segundo Lago (2002) a opção por uma profissão, embora fruto de escolha pessoal, está associada a uma identidade profissional coletiva. O indivíduo adere então ao grupo profissional movido por um critério vocacional. É o que evidenciam as falas entusiasmadas, apaixonadas, como eles mesmos assim denominam:

“Todo mundo que está ali nutre essa paixão, pensou em fazer jornalismo esportivo... O jornalista esportivo escolheu estar ali, ao contrário de outras áreas do jornalismo, onde o jornalista cai numa editoria sem ter optado por ela. Quem está no esporte está porque é

apaixonado. Eu, que não consegui realizar meu sonho de ser jogador, realizo agora escrevendo sobre futebol, sobre os bastidores.” (Claudio Portella)

Para Gonzalez, a paixão pelo futebol é condição *sine qua non*:

“Ninguém faz jornalismo se não gostar, se não tiver paixão, porque não tem horário, feriado, fim de semana. Então deve ter alguma compensação, que é o prazer que você sente em contar uma boa história. Tem esse pré-requisito no jornalismo esportivo que é a paixão pelo esporte, e isso vem de berço, tá no gene do brasileiro. (Ricardo Gonzalez)

O depoimento de Barsetti reforça essa noção:

“A paixão já foi mais forte pra mim, tenho 25 anos de profissão, quase 20 em O Estado. Sempre vi ali algo lúdico em escrever sobre futebol, mas como passei anos também fazendo matérias sobre o lado absurdo do futebol, fraudes, falcaturias, isso te deixa com o freio de mão puxado, não tão empolgado quanto há anos atrás. Mas a paixão claro que existe e agora num momento em que a gente se aproxima de uma copa do mundo e uma olimpíada no Brasil voltam à tona esses elementos. Se a paixão não estivesse presente, eu já teria saído.” (Silvio Barsetti)

Paixão. Prazer. Identificação. Esses são os fios condutores que levam o jornalista à adesão plena, voluntária e integral ao ofício. Segundo Travancas, isso ocorre de forma tão intensa em alguns casos que a vida profissional e a privada se tornam inseparáveis, como evidenciam essas histórias:

“Fazer jornalismo esportivo também é uma paixão. Eu estava tentando fazer as contas de quantos domingos trabalhei ao longo do ano, a conta é alta, quantos churrascos com a família perdi... Antes de casar, quando eu ficava de folga aos domingos ia para o Maracanã, o prazer estava ali, é uma rotina gostosa.” (Marluci Martins)

Portella associa trabalho a prazer:

“Eu trabalho com prazer, vou trabalhar daqui a pouco e irei com prazer. Se eu estivesse de folga estaria vendo os sites dos clubes, me informando sobre o que está acontecendo, porque me identifico com meu trabalho. Se fosse em outra editoria eu teria que me informar, ler, para dominar o assunto, no jornalismo esportivo isso já está introjetado, vem por osmose. No próximo domingo estarei de folga, haverá dois clássicos de futebol e eu vou ver, com o maior prazer, é claro que prefiro ficar com meu filho nas horas de folga, mas nunca é um sacrifício ir trabalhar ou estar em contato com assuntos de trabalho.” (Claudio Portella)

Alguns profissionais estabelecem um vínculo passional tão forte com o ofício “como se a profissão já se tornasse uma característica própria e, portanto, inseparável do

seu eu”. (TRAVANCAS, 1993, 67). Como confirma o depoimento orgulhoso do jornalista Ricardo Gonzalez:

“Para mim ficou mais fácil fazer esporte depois da Copa de 1998, na França, pois eu estava lá. Um fato marcante foi a decisão pelo terceiro lugar, entre Croácia e Holanda. Estávamos em Paris e por se tratar de um jogo de menor importância para a imprensa brasileira, a maioria dos colegas foi aproveitar a noite em Paris. Eu fui para o jogo, e meus colegas não acreditavam que eu iria perder a oportunidade de sair pela noite em Paris. E eu dizia: “Vocês não sabem o que é uma copa do mundo para mim, vou contar para os meus netos! E meus olhinhos vibraram quando os times entraram em campo...”(Ricardo Gonzalez)

Esse ethos jornalístico, essa identidade jornalística que norteia até as atitudes pessoais do profissional, descortina o glamour que a profissão exerce sobre os que nela trabalham. “Ao lado da missão do ser jornalista, do fazer jornalismo, observa-se a emoção do mostrar-se jornalista”, lembra Dias (2012, 37). O depoimento nostálgico de Carlos Lemos traz ao presente uma história representativa dessa exaltação ao ofício:

“O maior repórter que vi no mundo, e não vi nada igual a ele, repórter esportivo do Jornal do Brasil, já falecido, Oldemário Touguinhó, cometia erros de concordância mas aprendeu a técnica. Uma vez foi cobrir um jogo na Rússia, voltou de trem numa cabine com mais três soldados russos e estava com fome mas não falava nada de russo. De repente os soldados começaram a comer uns arenques cheirosos. O Oldemário, que era compadre do Pelé e andava sempre com fotos dele autografadas, pegou uma foto e mostrou aos soldados. Eles identificaram o Pelé e falavam: “Pili, Pili!” E acabaram oferecendo arenque para ele. O jornalismo, seja ele qual for, demanda empenho, trabalho e conhecimento da técnica.” (Carlos Lemos)

Tão relevante para os depoentes quanto mostrar-se jornalista é pertencer a uma comunidade de jornalistas, cujo locus é a redação, situada na sede principal do jornal, considerada mais do que um local de trabalho. Trata-se de um espaço de convivência e de exercício do pertencimento.

“Quem entra para fazer esportes, 90% sonha com fazer futebol. Trabalho numa redação de jornal esportivo, Lance!, e quando há um clássico como Flamengo x Vasco a redação se transforma num Maracanã, a ponto de o editor na véspera já começar a enviar emails para todos pedindo moderação, porque o clima é de confusão, gritaria, um encarnando no outro, e no entanto o pessoal está ali trabalhando. Mas isso nunca atrapalhou o andamento da edição”. (Michel Castellar)

Portella é metafórico ao falar sobre o assunto:

“A redação nada mais é que um palco, a mesma coisa que rola num bar, rola lá, brincadeira, sacanagem, é igualzinho.”(Claudio Portella)

Mas a intimidade e proximidade do jornalista esportivo com o objeto significa que ele tem mais conhecimento sobre futebol? No relato dos entrevistados, essa identificação, além de significar maior domínio sobre o assunto, é vista como positiva, como elemento que auxilia o profissional a fazer a mediação do fato a ser narrado para o público.

Lopes (2007,71) entende que, muito além da valorização exacerbada deste papel de mediador que forma e educa, há uma pretensão de que os jornalistas detém mais informações, e portanto conhecimento mais diversificado e maior capacidade de reflexão crítica. Os entrevistados corroboram com essa ideia:

“Quando você escreve, ainda mais sobre seu time, você consegue ir mais além porque ninguém escreve sobre o seu time como você. Quando eu escrevo sobre o Vasco, e eu não sou Vasco, recebo mais de cem mil cliques na rede. Porque você consegue ter uma leitura muito forte do que eles estão passando, você tem a leitura da paixão, você consegue porque vive o dia a dia daquilo.”(Claudio Portella)

A identificação com o futebol é o que leva o profissional a esse conhecimento diferenciado, segundo Barsetti:

“Pode ser até que isso ocorra com o jornalista de política, de economia, mas não de forma tão ampla como no jornalismo esportivo. Acredito que um jornalista político que tenha tido o mesmo direcionamento de informação para gostar de política possa se apaixonar pelo que faz e escrever também um pouco dele, do que ele pensa, das ideias dele. Mas acho que no futebol isso é bem mais claro.”(Silvio Barsetti)

Assim como para Castellar:

“O jornalista esportivo se identifica com o futebol e quando escreve sobre futebol está imbuído dessa identificação. Nas outras editorias há essa identificação mas não chega a interferir na produção da matéria. No Estadão a gente brincava nos plantões que nós do esporte podemos fazer qualquer tipo de matéria mas jornalistas de outras editorias não faziam matérias de esportes porque diziam que não sabiam fazer. Essa identificação do jornalista esportivo com o esporte existe, e isso é natural. A produção dele é a materialização dessa identificação, de toda essa carga que ele traz desde criança.” (Michel Castellar)

Martins considera a identificação indício de conhecimento:

“Acho bom o fato do jornalista ter identificação com o assunto, é sinal que domina, que gosta. O que me preocupa em alguns casos é o jornalista, uma minoria, que queria ser jogador de futebol. Não condeno, mas tem que somar, ser algo a mais, se ele se identifica tem que usar o conhecimento para fazer bem.” (Marluci Martins)

A identificação com o futebol nas narrativas acima revela-se para os repórteres como inerente à identidade jornalística, como algo inseparável do sujeito.

3.3 Profissional x torcedor – isenção x engajamento

A análise qualitativa das entrevistas até este ponto nos leva a constatar que há uma consciência, por parte do coletivo aqui representado, de que foram formados numa cultura esportiva e que a paixão pelo futebol os leva a exercer de forma tão prazerosa o ofício. Segundo essa autoconstrução discursiva, de que temos sempre de desconfiar e cautelosamente nos distanciar, torna-se tênue a fronteira entre a vida privada e a vida laboral. Muito antes de virarem profissionais, eram cidadãos criados e crescidos no “país do futebol”. Desde pequenos, escolheram um time para torcer. Mas e depois: o sujeito, já profissional, pode continuar a ser também um torcedor?

“Jornalista esportivo tem que ter time, assim como o jornalista de política tem partido.” (Marluci Martins)

Portella se aprofunda na reflexão:

“A gente brinca que se a pessoa que assiste a gente na televisão ou lê o jornal, tivesse acesso à redação... Ainda bem que eles não vêm porque senão iam ver que somos torcedores tanto quanto eles. Só que na hora que a gente escreve, para e trabalha, a gente aprende no jornalismo aquela história da imparcialidade. Quando estamos no nosso sofá a gente volta a ser torcedor. Mas todos nós temos essa paixão.”(Claudio Portella)

Mas se defendem o engajamento a um time, também têm na “isenção” um valor, e a ela atribuem importante sentido, um ideal a ser perseguido, como diz Lemos:

“...porque todo mundo tem seu clube, porque esse negócio da isenção é a busca da perfeição que não se encontra. Meu melhor amigo, comentarista de futebol, jornalista Sergio Noronha, quando perguntam a ele para que time torce, ele responde: “Gosto de futebol, não tenho clube”. É o exercício da isenção. “O jornalista cumpre essa regra de ter a isenção, tem que ser isento em tudo, não tem sexo, não tem religião, não tem cor, jornalista tem que ser inodoro. Só tem que ter alma e conhecimento da técnica.”

Castellar exalta a busca do equilíbrio:

“Como jornalista, ele está materializando essa paixão, mas essa carga cultural esportiva que ele traz e que motivou sua escolha não deve

interferir no trabalho. É um erro se ele não conseguiu encontrar o equilíbrio, deixou que isso que está enraizado nele, essa cultura, essa identidade, o contagiasse”. (Michel Castellar)

Gonzalez se aprofunda na questão da subjetividade ao analisar a questão:

“Fundamental para ser bom jornalista esportivo, exercer bem sua profissão, é você pensar no seu público, em quem está te lendo, é para ele que você trabalha, eles são o sentido disso tudo. Você não pode cair na tentação de achar que o que você acha, que o que você pensa é a versão definitiva. Não se pode querer fazer a cabeça das pessoas, o que você deve é dar a visão que você está tendo mais próxima da realidade, e não querer convencer ninguém.” (Ricardo Gonzalez)

Evidencia-se nestes depoimentos uma conscientização dos repórteres de que é um dever do jornalista buscar o equilíbrio entre o indivíduo torcedor e o profissional que não deve se engajar.

3.4 O texto jornalístico – estilo, paixão e dever

Por que a mesma partida de futebol vista pelos mesmos jornalistas é descrita de forma distinta por cada um deles? Porque o futebol é subjetivo, porque o exercício da mediação é interpretativo, respondem eles.

“Acho que tem uma relação muito forte, uma relação de transmissão ali, de vai e vem, do jornalista que escreve sobre futebol quando está exercendo a atividade dele, escrevendo. Ele tenta, talvez sem saber, as vezes inconscientemente, traduzir no texto toda uma realidade que é dele mesmo, que faz parte da história dele, talvez ele não se dê conta disso na hora de escrever, mas que é parte da história, da formação ou da fase anterior, da pré-formação dele.” (Silvio Barsetti)

A emoção do leitor é outro aspecto da subjetividade a ser levado em conta para os jornalistas.

“Outro aspecto, mais difícil, é o de mexer com a emoção do leitor, às vezes você faz uma brincadeira no texto e está incomodando o leitor. Mexer com a paixão do teu leitor é muito problemático, é difícil, há a subjetividade. Claro que para quem tem conhecimento técnico do assunto no geral, no caso jornalistas, se estiverem juntos assistindo a uma partida vão ver o mesmo jogo, mas posso ver alguns elementos que meu colega não viu. É um jornalismo altamente subjetivo.” (Marlucci Martins)

Lemos estabelece uma ponte entre a subjetividade e a criatividade:

“No jornalismo esportivo você tem que ser criativo. Fiz um curso de pós-graduação nos Estados Unidos, com jornalistas do mundo inteiro, e

um professor me ensinou que é preciso olhar para o outro lado – você olha e vê uma situação mas paralelamente estão acontecendo várias coisas que as vezes são mais importantes que o próprio evento. Fui cobrir uma luta do Eder Jofre certa vez e fiz um texto contando a luta segundo o olhar da mulher do lutador, passei a luta toda acompanhando a mulher, e não o lutador.” (Carlos Lemos)

Para Martins subjetividade e verdade se contrapõem:

“Sou jornalista, não posso me conformar com as coisas que eu vejo. Tenho que questionar, tenho que criar o debate, ou na sociedade, ou entre a classe... Acho que isso também é meu papel. Então eu não aceito que o jornalista tenha uma visão definitiva, que não tenha outra verdade, ele tem que acreditar no que ele acha, mas ouvindo outras opiniões, até para fazer um juízo melhor de valor.” (Marluci Martins)

Castellar fala da subjetividade como um estado permanente do futebol:

“No futebol essa paixão é maior do que em outras editorias, o futebol lida o tempo todo com a subjetividade.” (Michel Castellar)

Lemos concorda:

“O texto na editoria de esportes deveria ser igual ao das outras. A grande diferença é que o texto esportivo por mais isento que seja, tem certo comentário. Mesmo no texto objetivo a opinião derrama... Essa é a parte opinativa.”(Carlos Lemos)

Martins dialoga com o pensamento de ambos e relaciona a subjetividade ao exercício de julgamento do repórter:

“Um jornalista, ao escrever a crônica do jogo, vai botar a opinião dele, se ele só informar os lances do jogo ninguém vai ler, então mesmo que ele não queira, ele dá a opinião dele. O exercício o tempo todo é de julgamento, não se pode criar uma verdade absoluta. Eu gosto do que faço, gosto de mexer com a paixão, não me importo quando o leitor me xinga nas redes sociais, de certa forma provoquei o cara, embora não intencionalmente.” (Marluci Martins)

A subjetividade no texto esportivo, afirma Gastaldo (2001), é efetivamente menos regulada institucionalmente na editoria de esportes. Uma das razões é o fato do esporte ser enquadrado na categoria de entretenimento, o que permitiria uma maior “leveza” na escrita, como atestam as respostas abaixo:

“Esse relaxamento maior posso atribuir à relação diferenciada que a editoria de esportes tem com o leitor. Falo de jornalismo impresso. Ao longo dos últimos 10, 20, 30 anos, você tem um noticiário muito pesado na área de política, economia. Se você analisar, em 20 páginas, 15 são

negativas - desastre, corrupção, assassinato, denúncia, fraude, quedas. Aí você chega no caderno de esportes, não que seja um oásis, ainda mais no Brasil, onde você tem Confederação Brasileira de Futebol e Comitê Olímpico Brasileiro, dirigentes esportivos que são caso de polícia... Mas tem que ter ali uma válvula de escape, você tem que arejar o leitor, mas você tem uma coisa um pouco mais relaxada, um pouco mais livre.” (Silvio Barsetti)

Gonzalez completa:

“O esporte em algumas mídias, por exemplo, na TV Globo é visto, é tratado mais como entretenimento. Definir como jornalismo às vezes dá um tom muito formal, que não existe no esporte. Mas não se pode confundir informalidade com pobreza literária, com menor preocupação com as regras de português, tem que ficar atento.” (Ricardo Gonzalez)

Mas como é composta a narrativa? A paixão do repórter esportivo entra em cena também quando ele vai construir a notícia? Gastaldo (2001) entende que “rasgos de passionalidade” são inerentes ao jornalismo esportivo. Na mesma clivagem, Costa (2010) afirma que a emoção é o elemento central na composição da notícia esportiva. A imprensa narra o futebol produzindo um “espetáculo de conteúdo dramatizado” para atender ao interesse do público. Neste sentido o texto esportivo promove a “folhetinização da notícia.”

De fato, há determinados tipos de texto que permitem até mesmo intervenções pessoais a partir das vivências do autor, como a apaixonada história da jornalista Marluci Martins:

“Tenho uma história muito maluca. Sou casada com músico, em 2006 começou o namoro e eu tinha que fazer a crônica de um jogo. Em homenagem a ele incluí 10 citações de músicas dele no texto que escrevi... Coisa de auge da paixão... Fiquei apreensiva depois que escrevi, achando que o redator ou o editor iam mexer no texto, mas não. O texto no esporte em geral é um texto leve, você consegue brincar com o texto no jornalismo esportivo. Mas há matérias mais factuais, onde não se brinca”.

Mas, conforme o mesmo relato da jornalista, o texto noticioso – que os jornalistas classificam como factual – difere-se do texto baseado no comentário. E os profissionais têm pleno discernimento entre ambos e sobre quando e como utilizá-los.

“No jornal que eu trabalho tem um padrão, um manual de redação, muito bom por sinal, que é seguido há vários anos, então há um padrão, mas há um pouco mais de liberdade no texto, por exemplo, quando você vai escrever um texto que é um comentário sobre um jogo de futebol, é quase que um texto opinativo, na íntegra, não é um texto factual, você usa adjetivo e ninguém reclama, há uma liberdade que não haveria em

outras áreas. Há um relaxamento maior na área do jornalismo esportivo para algumas expressões, algumas palavras, algumas frases. Vejo isso em O Estado de S. Paulo e em outros jornais também. Há um relaxamento maior e uma possibilidade de mexer mais com o texto.” (Silvio Barsetti)

O argumento de Castellar vai ao encontro dessa idéia:

“Acho que existem textos e textos para usar os adjetivos, textos mais leves e outro tipo em que você tem que ser direto, informar, dar informação sem firulas. Mas o futebol por vezes realmente pede outro tipo de linguagem, mais leve, até para quebrar a dureza do jornal. Mas você precisa dessa identificação, quem traz isso consigo, quem cresce gostando de esporte, potencialmente leva vantagem quando vai fazer seu trabalho.”(Michel Castellar)

A adjetivação do texto é vista como uma possibilidade de enriquecimento do estilo para Portella:

“Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, tinham um texto rebuscado, usavam metáforas. O jornalista em alguns momentos perde o distanciamento crítico de seu objeto, por exemplo, neste momento no futebol carioca, o jogador Ernane, do Flamengo, o Brocadador, mais de 30 gols, grande artilheiro do Maracanã, é o cara do momento. Você escreve um texto sobre ele, usa adjetivos, coloca-o no pedestal... Outro dia numa entrevista coletiva o técnico do time comparou um jogador a Picasso... Na política, na economia, ninguém chama por exemplo, o Guido Mantega, Ministro da Economia que está no cargo há tanto tempo, de Beethoven...”(Claudio Portella)

Mas a adjetivação deve ser utilizada de forma criteriosa para Martins:

“O texto no esporte em geral é um texto leve, você consegue brincar com o texto no jornalismo esportivo. Mas há matérias mais factuais, onde não se brinca”. (Marluci Martins).

O que se pode depreender dos depoimentos é que há um consenso entre os aqui entrevistados de que, na editoria de esportes permite-se dose maior de emoção na construção das notícias - seja pela subjetividade do futebol ou pelo fato de esta editoria estar relacionada ao entretenimento e permitir portanto que a notícia tenha um tratamento mais "leve".

Esses jornalistas têm o discernimento de quando e como deixar aflorar a emoção no texto. E mesmo levando-se em conta que o texto no jornalismo esportivo permite maior liberdade para a construção da notícia, demonstraram ter como valor o

"compromisso com a verdade", que para eles deve sempre ser o fio condutor do trabalho jornalístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das narrativas da nação ao ofício do jornalista esportivo contemporâneo. Longe de ter o propósito de historiografar a trajetória da profissão ao longo do tempo, esta dissertação teve como grande motivação a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento do estudo sobre esses destacados atores sociais do universo futebolístico.

O cronista do início do século passado que encantava multidões com narrativas dramáticas sobre um esporte do qual o povo brasileiro começava a se apoderar transformou-se ao longo do século em repórter especializado no assunto, que tem consciência de seu papel de mediador que transmite informações sobre futebol.

Do jornalista-escritor que, em narrativas melodramáticas inspiradas no folhetim, exaltava ufanisticamente o surgimento e, mais tarde, a consolidação de uma "pátria de chuteiras" ao profissional de imprensa que tem a notícia como matéria prima para a construção do texto jornalístico.

Refletir sobre a trajetória da imprensa esportiva é fundamental para se compreender as particularidades da prática jornalística na atualidade. Buscou-se aqui, em primeiro lugar objetivando, sobretudo jogar luz no entendimento sobre a atividade jornalística atual, trazer à tona a figura de um dos mais ativos agentes do futebol, o repórter, profissional da imprensa que lida com a mediação entre o espetáculo esportivo e seu público e com a transmissão da informação.

Não só por conta da origem literária do texto jornalístico, filho dileto da crônica, mas também pela subjetividade do futebol como jogo - é comum que jornalistas esportivos, além de atuar como repórteres, sejam autores eventuais e até mesmo titulares de colunas, artigos e blogs. Espaços midiáticos que têm como característica o comentário, a opinião explícita, a visão assumidamente pessoal do autor.

Mas um dos importantes fatores que distinguem o cronista do início do século passado desse profissional contemporâneo, com formação acadêmica especializada em cursos universitários de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, conforme revelado nas entrevistas realizadas e analisadas no terceiro capítulo, é o domínio do conjunto de saberes específicos, da técnica jornalística, que imbui os profissionais de um discernimento pleno das características dos tipos de texto com os quais lidam na editoria de esportes.

Outros elementos igualmente relevantes se destacam no contexto das mudanças ocorridas nesta *praxis*. A profissionalização da atividade conformou um novo *ethos* jornalístico, que passa a conceber os conhecimentos acadêmico e técnico como um valor, e que tem como paradigma a responsabilidade social do jornalista, um formador de opinião.

Nos tempos atuais cada profissional, além de conhecer todas as técnicas e ter que fazer uma apuração profunda da notícia, deve saber utilizar todas as ferramentas das novas mídias tecnológicas, - sites, blogs e demais plataformas eletrônicas. O domínio da técnica é imperativo sobretudo na era da aceleração da produção da informação.

A dicotomia entre tempo e estilo, um debate presente na rotina dos jornalistas, não pode nem deve comprometer a qualidade do texto jornalístico. E os repórteres aqui entrevistados revelaram zelo e preocupação com a qualidade da informação que produzem.

É fato que a prática do jornalismo esportivo de modo geral utiliza estratégias em que as narrativas melodramáticas e a função de entreter se interrelacionam, o que foi analisado aqui no segundo capítulo. Por isso muitos atribuem à editoria de esportes mais a missão de levar entretenimento ao público do que informá-lo.

Este também foi um dos propósitos desta pesquisa: desmistificar a ideia de que o jornalismo esportivo situa-se num patamar inferior numa escala de relevância em relação às demais editorias por tratar de assuntos de menor importância. Como destaca Prochnik:

"O jornalismo esportivo é muitas vezes considerado menos relevante que outras editorias, principalmente, por ser taxado de parcial e seus repórteres de torcedores. Seguindo os critérios de importância e de interesse, acredita-se que temas cujo foco é econômico ou político são mais relevantes que as matérias publicadas pela imprensa esportiva. O jornalismo esportivo é, por muitos, considerado como puro entretenimento, ou seja, a informação não é o mais importante, e, sim, o agrado ao leitor/torcedor." (PROCHNIK, 2010, 25)

No entanto, se o futebol atrai milhões de fãs e movimenta cifras astronômicas, isso significa que a prática desse esporte envolve diretamente questões políticas e econômicas e, portanto, cabe ao repórter esportivo responsabilidade no trabalho com a informação. Essa nova consciência de "dever" do ofício ficou implícita nas entrevistas aqui analisadas.

A imprensa, como abordada no primeiro e segundo capítulos, nem é reflexo dos anseios da sociedade, nem produto originário da vontade do jornalista. E embora os critérios para a composição da notícia variem tanto em função dos valores pessoais quanto de fatores externos, o repórter esportivo contemporâneo, como se verifica nas entrevistas no terceiro capítulo, se empenha em evitar que a proximidade e identificação com seu objeto, que a paixão adquirida desde a infância pelo futebol, transborde a ponto de afastá-lo do relato mais próximo da realidade ao escrever a notícia.

Conforme revelado nas entrevistas realizadas e analisadas no terceiro capítulo, o domínio da técnica jornalística imbuí os profissionais de um discernimento pleno das características dos distintos tipos de texto com os quais lidam na editoria de esportes.

Mas ainda assim, não é a subjetividade inerente à natureza da prática jornalística, como descrito aqui no segundo capítulo? Não é por si só subjetiva toda mediação, desde a seleção de um acontecimento, passando pelos fatos a serem noticiados, até as palavras escolhidas para escrever o texto?

Sim, o fator subjetividade proporciona aos jornalistas uma margem de ‘escolha’, uma ‘certa autonomia’ de trabalho, segundo Nelson Traquina (2005), e com isso consentem os repórteres esportivos aqui entrevistados. Mas também há entre eles o discernimento entre o que é a notícia factual - cujo texto tem como referência a informação sobre um acontecimento ocorrido recentemente - e a notícia baseada na análise, na interpretação, na exclusiva percepção do repórter sobre determinado assunto.

E apesar de reconhecerem que mantêm relação identitária, ativa e construtiva, com o futebol, têm como valor o fato de que o pertencimento clubístico não deve interferir em sua atuação como profissional, que deve estar pautada por um conjunto de saberes específicos adquiridos a partir do momento em que foram iniciados na profissão.

A busca pelo equilíbrio no relato de um assunto subjetivo feito por um sujeito igualmente subjetivo e que envolve a subjetividade de milhares de pessoas - no caso, os leitores dos jornais para os quais trabalham -, é o grande desafio que se coloca para os repórteres esportivos no seu horizonte profissional, em princípios do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais - Histórias dentro da História, in *Fontes Históricas*, Carla Bassanezi Pinsky (Org). São Paulo. Contexto, 2005.

AMARAL, Marcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo. Contexto, 2006

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *O Futebol nas Fábricas – de Diversão a Trabalho*. Revista ComCiência, revista eletrônica de Jornalismo Científico SBPC, edição agosto 2006.

ARNT, Hérís. *A realidade nos trilhos da ficção: a notícia no século XXI*. Revista Rio de Janeiro, n. 20-21, jan-dez, 2007.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006

BORELLI, Viviane Borelli, *Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos*, artigo apresentado no INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande /MS, setembro 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. “A Economia das Trocas Lingüísticas” in: *Sociologia* (org. Renato Ortiz) São Paulo, Ática 1983.

_____. “É Possível Ser Esportivo?” in: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination*. Yale University Press, 1995.

CARVALHO, José Murilo. *Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage ET Discours – éléments de semiolinguistique*. Paris, Hachette, 1983.

COSTA, Leda Maria. *Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*, in Revista LOGOS, Vol.17, Nº02, Uerj, Rio de Janeiro, 2010

DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DARDENNE, Robert W.; BIRD, Elizabeth. “Mito, registro e “estórias””: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Vega, Lisboa, 1999.

DIAS, Robson. *Adesão ao Trabalho Jornalístico : uma reflexão sobre labor em diálogo com perspectivas da Sociologia das Profissões* , in Revista LOGOS 36, Vol.19, No 01, Rio de Janeiro, 2012

ECO, Umberto. “A Falação Esportiva” in: *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

FADUL, Anamaria. *Indústria cultural e comunicação de massa*. Série Ideias, nº17. São Paulo: FDE, 1994.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930 – Historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. *Mortes em Derrapagem*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.

FAUSTO NETTO, Antonio. *O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual*. Verso & Reverso Revista da Comunicação, São Leopoldo: Unisinos, ano XVI, n. 34, 9-17, jan./jun. 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FOLQUENING, Victor. *O jornalismo é um humanismo: representações sociais de estudantes de Comunicação*. Pós-Escrito, Curitiba, 2002

FRANCO, Hilton Junior. *A Dança dos Deuses - Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande&Senzala* . São Paulo : Global, 2006

_____ *Football Mulato* . Diário de Recife, Pernambuco, 15 de junho de 1938

FREIDSON, Eliot. *Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais*, in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, n. 31, São Paulo, 1996.

GASTALDO, Edson Luiz. *Pátria, chuteiras e propaganda - o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. *A arquibancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e a sociabilidade no Brasil*. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade no XIII Compós em São Bernardo do Campo, SP, em 2004

_____. *Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998*. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Mato Grosso do Sul, 2001.

GROSSBERG, L., WARTELLA, E. e WHITNEY, D. *MediaMaking - MassMedia in a Popular Culture*, London, Sage Publishers, 1998.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. *A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século 21*. Anais da X Reunião Anual da Compós. Brasília, 2001

_____. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*, In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H (org). *A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do; SILVA C. *Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo* In: Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Natal, 2008.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo.; SOARES, A.J.; LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; MELO, Victor A. de. *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2012.

LANZA, Sonia Maria. *As narrativas jornalísticas. Memória e melodrama no folhetim contemporâneo*. Tese de Doutorado em Comunicação Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES, Fernanda. *Auto-referenciação e construção da identidade jornalística*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFRJ. 2007.

LOPES, José Sergio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP. Dossiê Futebol, 22, São Paulo, 1994.

- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MENDES, Ricardo. *As disputas no campo profissional do jornalismo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFSCAR. 1997.
- MORAES, L.C.; RABELO, A.S.; SALMEL, J.H. *Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas*. *Psicoll Refl. Crít.* v.17, n.2, 2004.
- NEGREIROS, Plínio. J.L.C. *O Futebol e Identidade Nacional: o caso da Copa de 1938*. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Ano 3, Nº 10. Buenos Aires, Maio 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/copa382.htm>
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. São Paulo: MartinsFontes, 2007.
- PACCOLA, Carina. *Um retrato de quem retrata o mundo: um estudo sobre a estruturação da prática profissional dos jornalistas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UEL. 2003
- PROCHNIK, Luisa. *Práticas profissionais e estratégias narrativas no Jornalismo Esportivo : uma análise de notícias sobre a Seleção Brasileira na Copa de Mundo 2010 em sites jornalísticos*; Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2010.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta- condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo, Olho d'Água/ Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUCHOU, Joelle Rachel. *Entrevistas com judeus do Egito no Rio de Janeiro: um imigração peculiar*. Trabalho apresentado à professora Raquel Paiva, coordenadora do Grupo de Trabalho de Jornalismo/Etnia – Intercom2001
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. *O rosto do mundo* In Folha de São Paulo: primeira página, 1921-1995. São Paulo: Ed. Empresa Folha da Manhã S. A. , 1995.
- SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e Uma noites de futebol – o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006
- SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Li-ShangShuen Cristina Silva. *Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica*. Lamina, n. 1, 2005. Disponível em <http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigos.htm>

SPORTSILLUSTRATED.COM. Acessado em: <http://sportsillustrated.cnn.com>

STEINBERGER, Margarethe. *A ética do jornalismo latino-americanona geopolítica da pós-modernidade*. In DOWBOR, Ladilau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo-Edgar A.; SILVA, Hélio (orgs.) *Desafios da comunicação*. Petrópolis. Vozes. 2000

STYCER, Maurício. *História do Lance! – Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo: Alameda, 2008.

TOLEDO, Luis Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Huicitec, Fapesp, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas: um estudo antropológico sobre identidade e carreira em camadas médias*. São Paulo. Summus. 1993.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Vega, Lisboa, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Lisboa, 2005.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.